

PESQUISA MUDARÁ O CLIMA SEMI-ÁRIDO

Professor vê problema da tuberculose

Na 11ª página, o Prof. Alcides Ferreira Lima faz uma apreciação do problema da tuberculose no Brasil, particularmente no Nordeste, à luz de dados estatísticos. Destaca as providências governamentais no combate ao mal, mas considera muito elevado ainda o índice de vítimas.



A irregularidade do tempo antige as plantações

O clima semi-árido do Nordeste deverá ser modificado nos próximos anos, de acordo com projeto elaborado pelo prof. Rodolpho Paes Leme Ramos, de São Paulo. O pesquisador defende a viabilidade dessa alteração, através da absorção da energia solar por partículas de carbono. Se for executado, não haverá mais o problema das prolongadas estiagens que tanto flagelo tem trazido às populações dessa imensa área. (Pag. 2)

Ética Profissional em Educação Física



A implantação da disciplina Ética Profissional no currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física e Técnica de Desportos da Universidade Federal de Pernambuco, em caráter pioneiro em todo o País, foi amplamente ressaltado durante o III Congresso Brasileiro de Medicina do Esporte,

em Porto Alegre. A Professora Carmem Monteiro representou o Núcleo de Educação Física da UFPE, apresentando trabalho sobre o assunto, elaborado em co-autoria com o Pró-Reitor para Assuntos Comunitários, Prof. Armando Ribeiro Samico. (Pág. 12)



JORNAL UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DA U.F.P.E.

N.º 9 RECIFE — MAIO — 1975 ANO VII

UFPE prepara modelo para controle

A UFPE está elaborando o projeto do modelo definitivo do Sistema de Informação para o Controle do seu Plano Geral de Ação, de acordo com convênio firmado com a Secretaria de Planejamento da Presidência da República — Seplan. O ante-projeto apresentado, para consecução do financiamento, foi elogiado pela Sucan, a ponto de admitir que o trabalho da UFPE poderá servir de modelo para as demais Universidades. (Pág. 10)



Pessoa de Moraes: "está tudo errado na estrutura do pensamento".

Pessoa nega os valores tradicionais

O escritor Pessoa de Moraes, Professor da Universidade Federal de Pernambuco, está elaborando um livro sob o título **Tertium Organum Millennium**, no qual contesta os valores vigentes do pensamento humano, quer no campo da filosofia, quer no das ciências. Discorda, inclusive de pensadores como Aristóteles e Francis Bacon, entre outros. (Págs. 8 e 9)

Especialistas falam sobre as comunicações

Ao ensejo das comemorações do Dia Mundial das Comunicações, o JORNAL UNIVERSITÁRIO reuniu depoimentos de especialistas que militam nos diversos meios da Comunicação Social, no sentido de oferecer ao leitor um levantamento histórico e analítico desses órgãos e sua influência na vida das comunidades e no processo de desenvolvimento dos povos. (págs. 4, 5, 6, 7)

Antibióticos estuda técnica nos fermentos

O Instituto de Antibióticos da UFPE continua na sua marcha pesquisando novas drogas, contribuindo decisivamente para o enriquecimento da farmacologia brasileira. O seu diretor, Prof. Oswaldo Gonçalves de Lima, tem estudo concluído sobre as técnicas de elaboração dos fermentados, obra que será publicada pela Editora Universitária. (última página)

PROGRESSO E CULTURA



Momento em que o ministro Severo Gomes pronunciava a conferência

O ministro Severo Gomes, da Indústria e Comércio, foi taxativo ao defender a preservação dos valores culturais e a sua utilização no processo de desenvolvimento do Brasil, durante a conferência que proferiu no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, abordando o tema "Desenvolvimento Industrial Brasileiro e Trópico".

O ministro veio ao Recife a convite do fundador e diretor do Seminário de Tropicologia, escritor Gilberto Freyre. A palestra foi realizada no salão nobre da Reitoria, sob a presidência do Reitor Marcionilo de Barros Lima, ficando a coordenação dos trabalhos a cargo do diretor do ST. O pintor Aloísio Magalhães foi o debatedor oficial da conferência, que suscitou vivos argumentos entre os seminaristas, mercê da importância do tema.

Energia nuclear mudará clima semi-árido

PROF. RODOLPHO PAES RAMOS, DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS,
PÓS-GRADUADO EM CIÊNCIAS ATMOSFÉRICAS PELA UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO COLORADO (U.S.A)

PROJETO

Viabilidade da mudança do clima na região semi-árida do nordeste brasileiro pela absorção da energia solar por partículas de carbono.

Este projeto é bem mais ambicioso que o de modificação do tempo. Enquanto aquele procura modificar o tempo por nucleação de nuvens parcialmente em determinadas áreas e determinados dias, este visa a resolver o problema da seca em caráter permanente, ou seja, modificando o clima da região restabelecendo o perfeito ciclo hidrológico e regularizando a pluviosidade e, assim, terminando com o flagelo da seca nordestina.

Até hoje todas as soluções estudadas e tentadas são parciais e visam a minorar a seca. Este projeto visa a corrigir o problema e sanar essa anomalia climática numa latitude onde seria de se esperar haver um clima tropical chuvoso.

Dada a complexidade do problema, tal modificação, se possível, será a longo prazo, digamos 20 a 25 anos.

Antes porém de se iniciar a operação de campo propriamente dita, será necessário uma criteriosa e detalhada pesquisa sobre todos os sistemas meteorológicos da região, bem como o perfeito conhecimento da estrutura e comportamento tri-dimensional da atmosfera do Nordeste, e a resposta a ser esperada da atmosfera, com a aplicação de nuvens de partículas de carbono como fonte de calor, ou seja, para a absorção da energia solar pela atmosfera sobre o Atlântico à Este, permitindo o aquecimento da atmosfera e como consequência aumento da convecção e da evaporação, os dois fatores responsáveis pela formação e/ou intensificação das nuvens convectivas.

Essas nuvens assim intensificadas se deslocariam levadas pelo vento para o continente onde iriam se precipitar.

Como em geral as nuvens são de curta duração, a própria massa das dissolvidas iriam alimentar a formação de outras, ou seja esses aglomerados de nuvens parecem caminhar, pois à medida que umas vão se dissolvendo, outras vão se formando.

Onde deverá ser gerada a nuvem de partículas de carbono, em que porcentagem, como se deslocará, onde cairá a chuva e em que quantidade, o equipamento gerador no tamanho e quantidade necessárias de partículas, etc. São perguntas que serão respondidas pela pesquisa proposta.

Essa pesquisa que deverá estar concluída em 4/5 anos será executada por um grupo de pesquisadores da Divisão de Ciências Atmosféricas do Instituto de Atividades Espaciais do Centro Técnico Aeroespacial liderado pelo Prof. Rodolpho Paes Leme Ramos, com a colaboração de um grupo de pesquisadores do Departamento de Ciências Atmosféricas da Universidade do Estado do Colorado (U.S.A), liderado pelo Professor William M. Gray, uma das maiores autoridades internacionais no assunto.

Essa pesquisa será dividida em cinco fases básicas, a saber:

1. Estudos Observacionais — Extensivos estudos observacionais deverão ser feitos para melhor definir e entender a estrutura tri-dimensional da atmosfera do Nordeste Brasileiro e oceano adjacente. Suas fontes de calor e energia naturais serão pesquisa-

das. Para saber sobre a influência das partículas de carbono como fonte de calor temos que conhecer e analisar todos os dados meteorológicos possíveis, já existentes ou a ser coletados.

Esses estudos observacionais deverão incluir:

— Completas análises de fotos de satélites meteorológicos sobre o desenvolvimento de nuvens da região do Nordeste e oceano. As fotos dos satélites sincrônicos ATS-3 e SMS serão ferramentas de primeira importância. As fotos enviadas pelos satélites orbitais também serão usadas.

— Estudos observacionais da influência da temperatura na interface superfície do mar - atmosfera também serão feitos. Todos os campos de temperatura, umidade, ventos etc. serão pesquisados. Provavelmente novas estações de radiossonda, balão piloto e de observação serão instaladas para permitir esses estudos. Aviões, navios e plataformas marítimas de extração de petróleo serão solicitados a colaborarem na coleta de dados.

2. Estudos de Modelos Numéricos — É de primária importância que sejam feitas simulações numéricas da influência das partículas de carbono como fonte de calor em diferentes escalas de movimento e em diferentes tipos de modelos. Estes modelos servirão para determinar a resposta da atmosfera para a tecnologia proposta.

As áreas que deverão ser modeladas deverão incluir: modelos de cumulus, modelos de interação entre nuvens e seu meio ambiente, modelo tropical em meso escala e modelo em pequena escala da camada limite.

Esses modelos deverão estudar a convergência local bem como o calor e a umidade como fonte ou sumidouro de nuvens individuais cumulus convectivos; a difusão e dispersão das partículas de carbono; influência das partículas de carbono no aquecimento de nuvens e estimulação a sua precipitação; trajetórias das nuvens de carbono; mudança na concentração das partículas de carbono, com o tempo, tanto nas nuvens como ao seu redor; a quantidade de evaporação extra, etc.

3. Estudos de Engenharia e Testes de Campo — Nenhum grande problema é visto nesta fase. Contudo muitos estudos e testes devem ser feitos antes que todas as técnicas de engenharia e métodos para a geração e dispersão das partículas de carbono de navios ou plataformas marítimas de extração de petróleo possam ser especificadas.

Após tais geradores terem sido especificados, fabricados e testados, operações de campo deverão ser feitas para testes locais. Talvez esses testes devam ser feitos em diferentes estágios, de pequena escala, que consistiria da geração de pouca quantidade de partículas e sua avaliação, até um grande experimento de campo objetivando avaliar a resposta da atmosfera para a nuvem de partículas formada.

4. Estudos Históricos da Mudança do Clima — A colonização do Nordeste do

Brasil começou no século XVI. Existem historiadores que creem que em séculos passados a vegetação e precipitação foram mais intensas que atualmente, embora existam outros que creem que sempre houve secas como hoje, no Nordeste. Se realmente a vegetação e precipitação eram mais intensas, natural ou provocadas pelo homem, mudanças do clima ocorreram.

É muito importante conduzirmos uma cuidadosa investigação histórica para se conhecer a verdade. Se houve mudanças, quais suas causas? Se não houve, quais os sistemas responsáveis pela anomalia climática? Esta investigação deverá ser efetuada "in loco", consultando registros de museus, bibliotecas, etc. porque não temos registros climatológicos da época. Estudo da vegetação e solos da região serão feitos. Amostragem de madeiras nativas serão levadas a laboratórios cujos testes determinarão sua idade e mesmo a temperatura e umidade da época de crescimento. Estudos arqueológicos também serão feitos. A influência da grande população caprina será considerada, como fator causador de devastação da vegetação. Se esses estudos concluírem que realmente houve mudança de clima e o porquê, será muito mais fácil se reverter o processo, retornando o clima a uma situação conveniente.

5. Estudos Sociais, Legais e Econômicos — Como em todos os programas de modificação do tempo, também aqui, estudos econômicos têm que ser feitos para se determinar a razão custo/benefício de se modificar o clima pela absorção da energia solar por partículas de carbono em diferentes escalas de tempo e espaço.

Os aspectos sociais e legais tem que ser considerados muito cuidadosamente e sua influência sobre a modificação do clima proposta. Nós acreditamos ser o aspecto social o mais importante porque esta é uma região muito pobre e essencialmente agrícola e a modificação do clima provocaria uma significativa mudança da vida do povo. De início, provavelmente, o retorno será menor que o investimento do projeto, o que só a longo tempo seria compensado e ultrapassado, porém já de início haveria a melhoria do aspecto social, já compensando o investimento.

Todos os aspectos legais, visando a proteger interesses de terceiros, deverão ser verificados.

Programas paralelos de reflorestamento e culturas mais adequadas à região serão estudadas.

Uma vez concluída esta pesquisa (4/5 anos) teremos condições de responder se é realmente conveniente se iniciar a operação de campo. Tal resposta será dada à SUDENE, financiadora do projeto através do Convênio com o Ministério da Aeronáutica/CTA.

Seja qual for a resposta, positiva ou negativa, será, com toda honestidade e seriedade, obtida através de criteriosa pesquisa, usando de todos os recursos que a ciência e tecnologia dispõem.

Nós realmente esperamos e acreditamos que a resposta será positiva, porém mesmo que seja negativa a pesquisa terá compensado largamente o investimento, pois terá traçado um quadro do Nordeste Brasileiro do passado ao presente onde todos os aspectos foram considerados e servirá de subsídio a muitos diferentes trabalhos na região.

A operação consistirá da queima de hidrocarbonos, usando petróleo para a produção sobre o oceano de nuvens de partículas de carbono numa área de 40.000Km² e espessura de 500m com 10% de densidade da área coberta. Esse material foi escolhido devido já ter sido intensamente pesquisado e testado nos U.S.A sendo o mais eficaz e econômico. Trata-se de partículas de carbono, com pureza de 95/99% de 0,1 u de diâmetro. Tais partículas serão inerteis e hidrofóbicas com alto índice de absorção solar. Tais nuvens assim formadas irão aquecer a atmosfera cerca de 8°C na área abrangida pela nuvem de carbono. Isto provocará um grande aumento de convecção e da evaporação aumentando em muito a quantidade e espessura das nuvens existentes. Essas nuvens ou outras que irão se formando a posterior, alimentadas pelas primeiras que se dissolvem, serão levadas pelo vento, que por sorte é de Este/Sudeste no NE, para o continente e irão se precipitar nas regiões secas ou naturalmente ou em alguns casos

poderão ser nucleados, usando a tecnologia que ora está se desenvolvendo no outro projeto a cargo do Centro Técnico Aeroespacial sobre a modificação do tempo. Não confundir modificação do tempo com modificação do clima. A modificação do tempo trata de modificar as condições reinantes em determinados dias e em determinadas áreas. A modificação do clima visa a modificar a condição média de toda a região em caráter permanente. O clima de uma região definimos como a média de vários tipos de tempo.

O projeto visa a resolver de forma permanente o flagelo da seca, transformando a região em área fértil e apta para a agricultura. A operação de campo deverá ser repetida durante uns 20/25 anos sendo que em cada um irá melhorando paulatinamente o índice pluviométrico; em consequência, a vegetação e evaporação-transpiração, restabelecendo a longo prazo as condições ideais normais em latitudes tropicais.

Escolhemos esta tecnologia para a modificação do clima pela seguinte razão: Numa outra pesquisa efetuada e já publicada pelo mesmo autor sobre as características da precipitação da região semi-árida do Nordeste Brasileiro ficou demonstrado que a região, na estação chuvosa, está constantemente sob a influência de uma inversão de subsidência que impede o desenvolvimento vertical de nuvens convectivas, até uma espessura adequada para se precipitar naturalmente, ou seja, inibe a precipitação. Somente em poucas ocasiões, quando existem grandes sistemas de aglomerados de nuvens deslocando-se do oceano a Este, para o continente, atingem a região e a precipitação ocorre. Esses sistemas chuvosos têm energia e umidade suficiente para romper a inversão e se desenvolverem suficientemente alto para permitir a precipitação.

Entretanto, poucas vezes isso ocorre durante o ano e quando ocorrem algumas vezes desencadeiam verdadeiros aguaceiros em muitas áreas, também causando grandes perdas à agricultura.

Com a tecnologia que pretendemos usar neste projeto o que se busca é provocar que tais sistemas ocorram mais vezes, ou seja intensificando e aglomerando as nuvens sobre o oceano, para que a precipitação caia sobre as áreas necessitadas. Esse aumento entretanto será de forma controlada para evitar os prejuízos causados pelo excesso de precipitação. Deseja-se conseguir melhor distribuição de chuva que já existiria naturalmente, bem como aumentar o número de dias chuvosos.

A mesma tecnologia servirá também para inibir o crescimento de nuvens, se o desejo for diminuí-la em certos dias para evitar excessos de chuvas e inundações. A nuvem de partículas de carbono como fonte de calor, se gerada sobre o oceano abaixo da base de nuvens intensificará as mesmas e se gerada em altura, acima das bases das nuvens, digamos por geradores em aviões, servirão para o efeito inverso, ou seja, dissipar as nuvens. Por isso podemos concluir ser uma tecnologia que oferece muito boas perspectivas para a modificação do clima e eventualmente do tempo, na região, e merece ser cuidadosamente investigada.

Uma boa parte dos trabalhos serão feitos e financiados pelos U.S.A, através de convênio a ser elaborado entre o Brasil e os U.S.A, tendo a Universidade do Estado do Colorado como responsável pela execução da parte americana.

Em termos financeiros, podemos adiantar que apesar de caro, custará para todos os 25 anos aproximadamente a quarta parte que somente a seca de 1970 custou ao Brasil, só em perdas diretas, sem considerar as indiretas e sociais.

Do ponto de vista da poluição, efeitos estéticos do ambiente ecologia e saúde, tanto humana como dos animais e vida marinha, os estudos já feitos tem demonstrado ser absolutamente viável e em nada afetado, estando bem abaixo dos mínimos ideais como limites estabelecidos para agentes estranhos na atmosfera.

Terminando queremos dizer: Talvez o homem nunca seja capaz de controlar o tempo ou o clima, porém modificá-los quando e onde se tornar necessário é um grande desafio que ele deve aceitar.

Reitor	Professor Marclonilo de Barros Lins
Vice-Reitor	Professor Rômulo Maciel
Pró-Reitor Comunitário	Professor Armando Ribeiro Samico
Diretor do DEC	Professor Marcos Albuquerque
Redator-Chefe	Manoel Neto Teixeira
Repórteres	Raimundo Carrero
.....	Ângelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho
Diagramação	Josias Florenço da Silva

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural, Órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como o veículo oficial da Universidade Federal de Pernambuco. Livros, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação do JU, Reitoria 2.º andar, Cidade Universitária.

Qualificação Universitária

Os cursos de aperfeiçoamento representam uma nova abertura para o ensino superior, posto que servem para qualificar os profissionais graduados nas diversas áreas das Ciências, Letras e Tecnologia

Comprovada está a importância dos programas instituídos pelo Ministério da Educação e Cultura, nesse sentido, e, em decorrência, tem sido cada vez mais amplo o apoio das autoridades educacionais às instituições que canalizam parte dos seus recursos visando esse objetivo.

Na Universidade Federal de Pernambuco, tem aumentado, consideravelmente, nos últimos anos, o esforço no sentido de qualificar o seu corpo docente oferecendo aos seus integrantes oportunidades de aperfeiçoarem seus conhecimentos, quer na própria Universidade, quer encaminhando-os a outros centros de ensino e pesquisa, no Brasil e no exterior.

Recentemente, a própria UFPE foi sede de um encontro nacional promovido pelo Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura, reunindo reitores de todos os Estados, inclusive os integrantes da Capes, para a apresentação

e debates dos problemas relacionados com os cursos de pós-graduação.

Conclusões objetivas foram estabelecidas, nesse encontro, depois que cada dirigente colocou os problemas da sua instituição, analisados à luz da programação oficial admitida pela Capes. O professor Edson Machado, diretor do DAU, apresentou as linhas gerais da pós-graduação, oferecendo inclusive as medidas capazes de conduzir o programa de modo a atender às necessidades gerais.

Dois objetivos justificam o esforço das Universidades no âmbito da pós-graduação: qualificação dos seus professores, elevando, conseqüentemente, o nível do ensino, e a preparação de material humano, em alto nível, para atender às necessidades do desenvolvimento do País, particularmente da área onde se situa cada Universidade. Daí, ser cada vez maior a participação das empresas, públicas e privadas, nesses programas de aperfeiçoamento, liberando os seus técnicos e profissionais graduados, para participarem dos cursos de aperfeiçoamento, pós-graduação e mestrado oferecidos pelas Universidades. Em outros termos, é a integração Governo-Universidade-Empresa.

Ministro vê necessidade de mão-de-obra qualificada

O Brasil necessita de mão-de-obra qualificada, em quantidades crescentes — porque o fator humano constitui, reconhecidamente, o mais importante dos fatores da economia. E a educação, quaisquer que sejam as formas e as técnicas que utilize, é o meio de prepará-la. A opinião é do ministro Ney Braga, da Educação e Cultura, manifestada no encerramento dos trabalhos do VII Seminário de Assuntos Universitários, em Brasília.

Observou: Se não queremos comprometer a continuidade do processo de nosso desenvolvimento, é preciso responder a essa demanda crescente. Por outro lado, porém, o ritmo desse crescimento no processo da preparação dos recursos humanos deve compatibilizar-se com o próprio ritmo do processo global de crescimento do País.

Superada a fase em que os deficits mais notórios tenham sido ou estejam em vésperas de ser resolvidos, — afirmou — a orientação do crescimento é exigência imprescindível, com vistas ao melhor aproveitamento dos próprios recursos humanos e materiais que o sistema educacional deve mobilizar com esse objetivo. E é também uma necessidade para o aumento da eficiência social do próprio sistema educacional.

Exigências

Admitem que "sendo este um sub-sistema que integra o sistema social nacional, deve responder àquelas exigências menos materiais, de natureza espiritual e de teor de vida, que as nossas populações crescentemente reclamam. Há, portanto, uma dimensão social na demanda dos serviços educacionais que transcende à simples preparação da mão-de-obra qualificada. Este outro aspecto da pres-

ção social sobre os serviços de educação, inclusive em nível superior, é no Brasil, como na maioria dos países de igual ou maior grau de desenvolvimento, uma exigência daquela revolução das aspirações a que me referi de início. Não podemos ignorá-la nem contrariá-la".

Sallentou que "a preocupação crescente pelo ininterrupto aperfeiçoamento da qualidade do ensino ministrado deve, portanto, responder a esse duplo enfoque da questão. E as soluções que devemos empreender serão, seguramente, algum tipo de combinação ótima ou compromisso entre a garantia do crescimento do sistema educacional e a manutenção e aprimoramento de sua qualidade. Ensino superior de massa não deve ser sinônimo de ensino de baixa eficiência. Ensino superior de qualidade não deve ser sinônimo de privilégio de elites".

Caminho

"A partir desta compreensão — adiantou — creio menos difícil encontrar o caminho para um justo equilíbrio entre os dois objetivos. Dispensar-me de referir, por sobejamente conhecidos, os condicionantes que restringem as possibilidades de crescimento ilimitado do sistema — fator adicional para maior atenção aos problemas qualitativos. De resto, a experiência de outros países está a demonstrar que esse desafio não constitui uma peculiaridade brasileira. Mas a forma e a capacidade de responder a ele, dentro das nossas possibilidades e condições específicas, deve ser fruto da nossa capacidade de imaginação, a partir da experiência acumulada na situação específica do País e de cada uma de suas regiões".

Letras inicia com filme homenagens a Thomas Mann

Dois motivos deveriam contribuir para a leitura de Thomas Mann por parte dos brasileiros. O primeiro, senão o mais importante, pelo menos o mais sintomático, reside no fato de o escritor ser filho de mãe brasileira (a carioca Julia da Silva); o segundo, e verdadeiramente o mais importante, é que o filho dessa brasileira é unanimemente considerado o maior escritor de língua alemã do século XX. Mas, infelizmente, Thomas Mann é praticamente desconhecido entre nós, salvo algumas raríssimas e honrosíssimas exceções. Dentre tais exceções vamos encontrar aqueles que, aí pelos anos 40, prometeram trazê-lo ao Brasil — que Mann parece ter amado com sinceridade —, atendendo a uma sugestão do escritor Gilberto Freyre. A idéia do Mestre de Apucarana nunca se concretizou.

No entanto, o professor Georg Bräuer, do Litorado de Alemão do Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, teve uma idéia muito mais fácil de ser concretizada. Aliás, os seus primeiros frutos já foram colhidos nos incios deste mês de maio. Ali ele fez exibir o filme "Tonio Kröger", adaptação alemã da novela homônima de Thomas Mann, sob a direção do Rolf

Thiele, como parte das homenagens que aquele conceituado centro de estudos prestará ao extraordinário escritor germânico. O ponto alto destas homenagens será a realização de um seminário, entre os dias 2 e 6 de junho, do qual participarão os professores Leônidas Câmara, César Leal, Daniel Lima, Hans Klein, Walter Koch e Georg Bräuer, com trabalhos que vão desde a investigação do problema filosófico em "A Morte em Veneza", obra-prima escrita em plena juventude, até a uma abordagem da conciliação de espírito e vida em alguns dos maiores romances do escritor. Portanto, nada mais justo.

Thomas Mann nasceu em 6 de junho de 1875 em Luebeck, segundo filho de Johann Henrich Mann, comerciante e senador, e de sua esposa Julia da Silva-Bräuer, brasileira do Rio de Janeiro.

Os muitos anos de sua longa vida (morreu em 12 de agosto de 1955, já octogenário) foram dedicados a uma ingente tarefa: a fixação realística, através da prosa de ficção, dos caracteres dos personagens de formação burguesa, sobretudo o artista. A semelhança de Flaubert e de Nietzsche, Mann nunca perdeu de vista a evolução insinuante, irôni-

ca e ao mesmo tempo atormentada do burguês que se torna artista — problema pré-formado em Flaubert —, bem como as meditações do artista às voltas com a sua doença — problema pré-formado em Nietzsche.

Momentos antes da exibição do filme, assistido por um pequeno mas atento público de professores e alunos, o professor Bräuer forneceu aos menos informados alguns dados acerca da personalidade artística do autor de "A Montanha Mágica", cuja motivação básica consiste no "conflito entre o artista e o burguês, o nórdico e o meridional, a herança materna e a herança paterna".

Ganhou inúmeros prêmios literários, entre os quais o Nobel, mas nunca permitiu que a glória lhe subisse à cabeça. É o próprio Thomas Mann quem diz: "Posso dizer, entretanto, que nenhum rumor de sucesso jamais me conseguiu ofuscar a compreensão nítida da relatividade dos meus méritos ou adormecer, sequer, a minha autocrítica. Deixemos tranquilamente à posteridade a última palavra sobre valor e importância da minha obra. Vejo nela apenas o vestígio pessoal de uma luta pela vida travada com plena consciência".

Conselho M. de Cultura em nova fase com Suassuna

O Conselho Municipal de Cultura do Recife começa a viver uma nova fase na sua história, a partir da nomeação do escritor Ariano Suassuna para secretário de Educação e Cultura, a convite do novo prefeito do Recife, Antônio Farias.

Preocupou-se logo Suassuna em escolher nomes de destaque, nas diversas áreas do saber, para compor o Conselho: Murilo Humberto de Barros Guimarães, ex-reitor da Universidade Federal de Pernambuco, identificado com o desenvolvimento cultural do Estado, além da ampla cultura jurídica; historiador José Césio Regueira Costa, do Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco, uma palavra abalizada na sua especialidade; escritor José Luiz Delgado, jovem professor da UFPE; Raimundo Carrero, jornalista militante (redator do JORNAL UNIVERSITÁRIO e do Diário de Pernambuco) e que começa a despontar como notável romancista, integrante da chamada Geração 65; Gilvan Samico, atualmente um dos expoentes da pintura brasileira; José Antônio Madureira, músico, compositor e coordenador do Quinteto Armorial da UFPE; e Marcus Accloly, poeta laureado com prêmios oferecidos pelo Governo estadual, notabilizando-se com o livro *Nordestinados*.

Suassuna impôs uma condição para assumir aquela Secretaria: dedicar-se mais ao desenvolvimento da cultura, sem maiores preocupações com o aspecto administrativo, tal como ocorreu quando fora convidado

para assumir a direção do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, onde desenvolveu notável trabalho no campo da música (criou o Quinteto Armorial), artes plásticas e da literatura (criou programa de amparo à Literatura de Cordel), além de importantes pesquisas.

O prefeito Antônio Farias, numa demonstração de que é sensível ao desenvolvimento da cultura, aceitou as ponderações de Suassuna e não escondeu o seu otimismo quanto ao trabalho que o secretário da Educação e Cultura desenvolverá, com a colaboração efetiva dos membros nomeados para o Conselho, cada um atuando na sua área de conhecimento.

Em nome dos novos conselheiros, o professor Murilo Guimarães externou o desejo de contribuir para o êxito da missão a eles atribuída, manifestando o reconhecimento pela escolha dos seus nomes para aquele importante órgão de cultura da capital pernambucana.

ELEIÇÃO

Na primeira reunião ordinária, o professor Murilo Guimarães foi eleito presidente do Conselho Municipal de Cultura, ficando a vice-presidência a cargo do historiador José Césio Regueira Costa; o jornalista Raimundo Carrero foi eleito presidente da Comissão de Ciências Humanas e membro da Comissão de Contas e Orçamento, que será presidida por José Luiz Delgado.

Jornal Universitário tem nova circulação e recebe os elogios de professores

Em virtude da nova dinâmica na circulação do JORNAL UNIVERSITÁRIO, a direção deste órgão de divulgação da Universidade Federal de Pernambuco vem recebendo elogios e pedidos de novos exemplares, oriundos dos maiores centros superiores de ensino e pesquisa, do Brasil e de vários países, fato que ratifica o nível e importância dos assuntos abordados.

Agradecemos as referências elogiosas e as recebemos como estímulo para continuarmos no mesmo ritmo, procurando, na medida do possível, aprimorar cada vez mais os nossos trabalhos.

Escreveu-nos o Prof. Dino Preti, assessor técnico do Projeto NURC e titular da Fa-

culdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, acusando o recebimento de exemplares do JU, nos seguintes termos: "A matéria realmente me chamou a atenção, pela excelente forma jornalística, fidelidade das opiniões transcritas e expressividade das fotografias.

Gostaria de ter mais alguns exemplares do número 5 para o nosso arquivo aqui no Projeto NURC, bem como para meu próprio arquivo. Teria prazer, inclusive, em receber sempre essa publicação de nível tão bom e que serviria como um contato perene entre nós aqui de São Paulo e essa boa gente aí do Recife".

O Dia Mundial das Comunicações foi comemorado, este mês, com programas culturais, conferências e exposições promovidos nos estabelecimentos de ensino, entidades e outros órgãos, ressaltando-se a importância sobretudo dos meios de comunicação social na vida das comunidades e no processo de desenvolvimento.

O JORNAL UNIVERSITÁRIO ouviu especialistas, reunindo depoimentos sobre diversos veículos de comunicação, oferecendo uma visão histórica e analítica de cada setor, de forma a que o leitor possa ficar a par de detalhes e nuances, por exemplo, da revista, do jornal, da televisão, do telefone, etc.

As pessoas que contribuíram nessa abordagem são especialistas de alto nível, em matéria de comunicação social, militantes nas diversas áreas do jornalismo profissional.

COMUNICAÇÕES:

história e

dimensionamento

no tempo e espaço

Cinema

Um espírito de Fred Ott, foi provavelmente a primeira coisa filmada com propósito cômico. Em 1896, Louis Lumiere produzia, na França, o que em geral é tido como o primeiro filme a contar uma história: "O Jardineiro Regado".

Daí por diante o cinema comunicou-se com o espectador. Daí por que afirmam alguns historiadores que o cinema nasceu rindo.

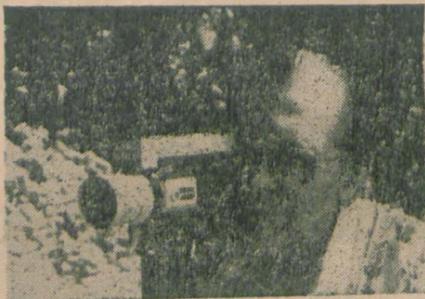
Ontem e hoje o cinema permanece como o maior veículo de comunicação popular. É verdade que a Televisão assumiu de uns anos para cá a liderança, pelo simples fato de já viver dentro de casa. Enquanto que o cinema obedece àquele ritual: sair de casa, entrar numa fila, comprar o ingresso e permanecer durante duas horas na penumbra da sala de projeção.

A rigor, o cinema não perdeu totalmente a liderança de o maior veículo de comunicação do nosso século. Porque é do filme curto ou longo, que a Televisão sobrevive.

Segundo pesquisa do crítico Rubens Ewald Filho, existem mais de três mil filmes em exibição na TV brasileira. Há uma verdadeira cinemateca no ar.

Acredito que se não houvesse essa poderosa cinemateca circulante, as tevês se limitariam às novelas e aos noticiários. É a força ainda do cinema. Dos velhos filmes de todas as categorias que ainda amarram o espectador ao vídeo.

FERNANDO SPENCER



O cinema, como testemunho da liberdade humana, nunca foi tão bem definido como pelo escritor Octávio de Faria:

"Se o nosso século, mais do que nenhum outro, foi o século que viveu o problema da liberdade e demonstrou sua absoluta imprescindibilidade para a sobrevivência do Homem como ser espiritual, em nenhuma esfera essa necessidade se apresentou sob uma forma tão viva, tão evidente, quanto na esfera do cinema. Certo, em todas as artes, literárias ou não, o Homem do século XX viveu o drama da falta de liberdade sob formas angustiantes, dolorosas, muitas vezes sangrentas. Mas, em nenhuma delas, essa batalha foi mais viva, mais sensível, mais rica em lições do que no terreno do cinema".

Cultura

No mundo moderno tem sido marcante a influência da comunicação no processo do desenvolvimento sócio-cultural, político e econômico das nações, notadamente a partir da Segunda Guerra Mundial, quando a ciência atinge o mais alto grau de progresso e leva o homem a descobrir novos meios, métodos e técnicas especialmente, no campo da comunicação coletiva, transformando o nosso século no chamado "Século das Comunicações".

Entretanto, para que essa explosão viesse caracterizar o estágio de desenvolvimento alcançado pela civilização contemporânea, longo foi o caminho percorrido pela humanidade, marcado quase sempre por sacrifícios e grandes obstáculos. Dessa forma, não nos é difícil deduzir que a evolução histórica da comunicação tem significado muito forte para a vida humana.

E esse significado, nós o encontramos a partir da necessidade do homem primitivo em estabelecer uma ligação entre ele e o mundo, sobretudo através das pinturas deixadas nas paredes das cavernas, à época atual quando do grande desafio tecnológico: cibernética e satélites.

Na história da comunicação coletiva ou dos mass media, o jornalismo, mais que qualquer outro veículo, tem um capítulo especial, não apenas por ter sido a primeira de todas as manifestações coletivas mas, pelo que representa no campo das ciências da informação.

Fruto de uma necessidade social, ele sempre independeu de qualquer tipo de crítica ou elogio, guerra ou paz, tormenta ou

VALDELUSA D'ARC

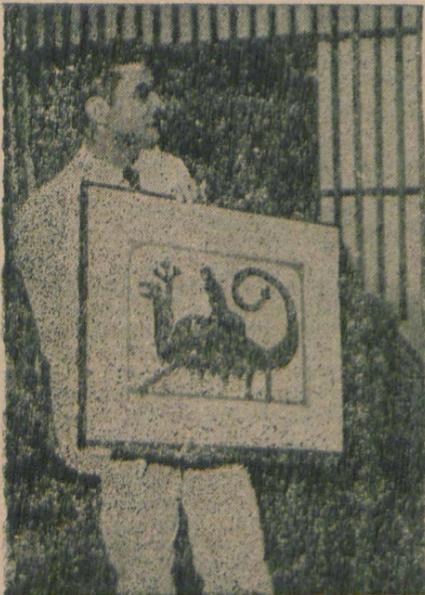


desastre, para sobreviver através dos tempos. O jornalismo é acima de tudo um instrumento da mais alta importância na política e na formação de um povo, onde desempenha papel relevante e histórico.

Seus primeiros movimentos estão registrados nas civilizações antigas: do Egito à Grécia; das inscrições chinesas de Yu às "Actas Diurnas" de Julio César na Roma Antiga; Dos trovadores e jograis da Idade Média às descobertas de Gutemberg; dos primeiros jornais impressos no mundo (em 1605 na Áustria) até nossa era quando novos meios de comunicação — rádio, cinema e televisão — somaram-se aos mais antigos (livro e jornal), transformando o mundo de hoje naquilo que Marshall McLuhan chama simplesmente de "Aldeia Global".

Teatro

ARIANO SUASSUNA



Creio que a comunicação sempre foi buscada e realizada no Teatro: Sem se falar no óbvio, isto é, que uma das preocupações fundamentais do Teatro é criar um ambiente de comunicação entre o espetáculo e o público, sempre houve, no Grande Teatro, por parte dos grandes dramaturgos e dos grandes atores o impulso de criar aquela corrente misteriosa que todas as pessoas conhecem.

No teatro grego isso era acentuado pelo Coro da comédia ou da tragédia. No teatro latino, pelo Chefe dos Comediantes que, quase sempre, fazia o prólogo. Shakespeare era um mestre da comunicação.

No Brasil, o problema da comunicação teatral assume aspectos próprios. O Povo brasileiro é dionisíaco, musical, dançarino, espetacular, no sentido de que gosta de entrar em empatia com um espetáculo total.

Por isso acredito que só um teatro que leve tal fato em conta — adotando certas coisas do circo, do reisado, do bumba-meu-boi, dos velhos-de-pastoril, etc. — pode atingir a comunicação desejável com o nosso público.

O disco

CELSONI MARCONI



Apesar da fita cassette já ter alcançado, hoje, um grande desenvolvimento, o disco — através da indústria fonográfica — ainda é um dos meios de comunicação fundamentais do nosso tempo.

O princípio de gravação começou, modernamente, com Edison, que utilizava um sistema de cilindro no seu gramofone. A difusão do disco se deu em 1904, quando foram lançados no mercado, nos Estados

Unidos, substituindo os cilindros. Apresentavam, então, dois sistemas: o disco de safira, cuja gravação era feita em profundidade, e o disco de agulha, com gravação lateral, que foi o que veio a prevalecer. No início havia um disco flexível, constituído por uma placa metálica, de alumínio, geralmente, e revestida de uma delgadíssima camada de verniz. A gravação se fazia diretamente sobre esta camada de verniz, permitindo uma "leitura" imediata. Esses

CONTINUA



COMUNICAÇÕES:

história e dimensionamento no tempo e espaço

CONTINUAÇÃO

discos eram utilizados para gravação de aulas, reportagens e rádios, pela sua facilidade de manipulação, mas hoje já foram substituídos pelo sistema de fitas e pelos cassettes.

E o outro tipo de disco era o duro, constituído por uma placa rígida de cartão comprimido, que uma mistura de ardósia ou de breu torna rígido, e revestido de uma camada de ebonite ou outra matéria plástica bastante consistente. É o que ainda é hoje utilizado, embora já existam processos de torná-lo mais flexível, menos grosso, como é o caso do "Discoflex", já lançado no Brasil.

A gravação de um disco artístico, que é

realmente o mais importante levando-se em conta o disco como meio de comunicação, exige uma grande aparelhagem, hoje. No Brasil existem alguns estúdios instalados com as mais modernas técnicas, onde podem ser utilizados, simultaneamente, até dezesseis canais (isto é, dezesseis microfones recebem, de vários locais do estúdio, o som, e todo um equipamento faz a reunião delas, a mixagem). No Recife, o Conservatório Pernambucano de Música está aparelhado, segundo se informa, para gravações em dezesseis canais e lá foi gravado o LP da Orquestra Armorial de Câmara. Além do estúdio de gravação, para a preparação do disco se faz necessário o equipamento de

corte/montagem e prensagem, onde então são reproduzidos em grandes quantidades.

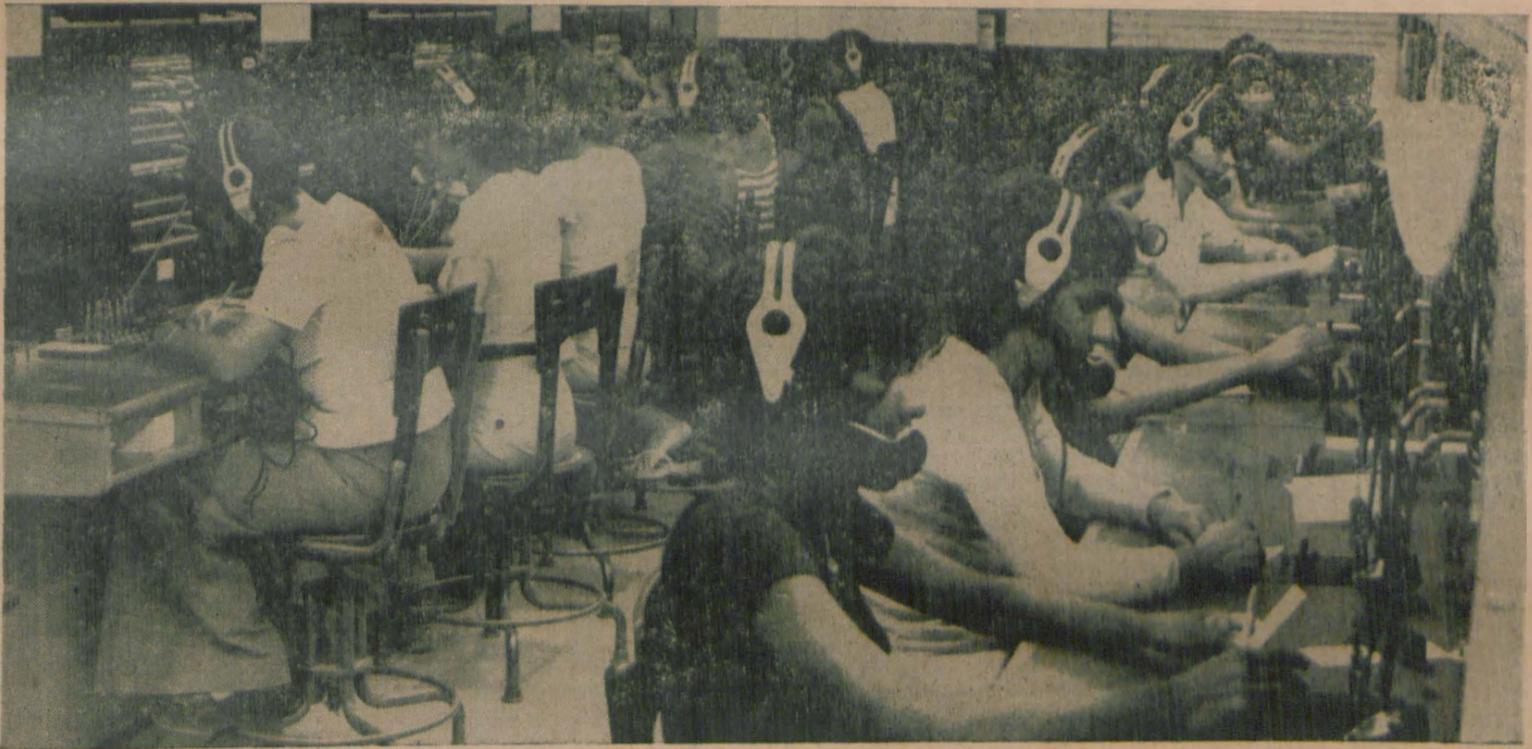
Quase todos os discos comerciais, hoje, adotam o sistema estereofônico, de reprodução em dois canais, e já está sendo introduzido o "quadrasônico", que reproduz em em quatro canais (quatro caixas), porém ainda sem grande aceitação, em virtude, inclusive, de exigir um reequipamento por parte dos ouvintes.

Embora o disco seja utilizado para mensagens comerciais, a sua grande força é, justamente, pelo fato de ter permitido uma divulgação, em grande extensão, da música, tanto a popular como a erudita.

Pode-se dizer mesmo que as profundas modificações por que vem passando a música, em seu elemento criativo, tem base na indústria do disco. Hoje, grandes poetas, como Caetano Veloso, se exprimem através da música.

O grande problema, em nosso país, é que praticamente toda a indústria fonográfica está vinculada a empresas multinacionais, que visam, em primeiro lugar, a fazer, aqui, a divulgação dos artistas dos seus países de origem. Na realidade é por isso que aos ouvintes chega muito mais o cantor/compositor norte-americano, do que mesmo o brasileiro.

Telefones



PESQUISA

Vários homens pensaram ao mesmo tempo na invenção do telefone. Já no século XVII haviam pensado. Mas, em 1837, Charles G. Page, de Salem Massachusetts, EUA, parece ter chegado à conclusão de que as ondas elétricas podiam transmitir o som. Dezessete anos depois, Charles Bourseul, um francês de Nice, disse que as palavras podiam ser levadas pela eletricidade. Mas nenhum desses homens levou adiante suas brilhantes idéias, nem mesmo o alemão Johann Philippe Reis, que chegou a construir um tosco telefone em 1860.

Em 1874 Alexander Graham Bell levou a cabo certas experiências com as ondas sonoras, na esperança de descobrir a maneira de ajudar as crianças surdas a falar. Descobriu, então, não só que as ondas sonoras podiam ser perceptíveis à vista, mas podiam ser transmitidas através de fios metálicos por meio da eletricidade. Um passo a mais e a voz humana poderia ser ouvida a milhares de quilômetros de distância. Elisha Gray, de Chicago, trabalhava ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Em 14 de fevereiro de 1876 Bell pediu em Washington a patente de invenção de um aparelho. Duas horas depois Gray pedia também uma patente.

Americanos lideram

Ambos os aparelhos eram grosseiros e imperfeitos, sobretudo quando comparados aos maravilhosos aparelhos disponíveis nos dias de hoje. Mesmo assim o novo invento produziu a maior sensação na Exposição Centenária de Filadélfia em 1876.

Hoje, os Estados Unidos da América é o país que possui o maior número de telefones em todo o mundo. Vale salientar que

a posição de liderança dos americanos está diretamente ligada às pré-condições para o desenvolvimento do seu país.

Alguns pontos históricos podem ser levantados para evidenciar tal posição. Alexander Bell conseguiu patentear o seu invento em pleno território americano. Sintomático também é o fato de Emil Berliner e Thomas Edison cooperarem decisivamente para o aperfeiçoamento dos primeiros aparelhos. Também os primeiros telefones numerados foram usados em 1880 em Lowell, Massachusetts. Mas já em fevereiro de 1880 existiam naquele país 60.873 telefones instalados.

No Recife

O sr. José Leopoldo Bougard foi o primeiro concessionário do serviço telefônico no Recife, e um dos primeiros no Brasil. Ele obteve do Governo Imperial uma concessão para estabelecer o serviço de telefones nesta cidade, com a seguinte designação: Empresa Telefônica Bougard, no ano de 1882. Mas o Recife somente teve uma real noção dessa maravilhoso invento, um ano depois, através do aparelho instalado pelo construtor da Estrada de Ferro de Litorâneo, ligando o seu escritório, na rua do Comércio ao Arraial, onde existia um depósito de material.

Em janeiro de 1883 era publicado nos jornais mais um convite para os que desejassem fazer as inscrições, sendo que deliberações semelhantes eram tomadas paralelamente em diversas partes do país.

Telefones magnéticos

Inicialmente foram instalados apenas dezoito aparelhos, mas poucos meses de-

póis eram registrados dezenas de assinantes. O sistema era composto dos telefones chamados magnéticos, ou seja, tocava-se a campainha e atendia a estação, pela voz de suas telefonistas. O número do aparelho quase que não era usado, já que as deliberações eram feitas pelo nome do assinante.

Intimimo pelo telefone

Pelas pesquisas realizadas em jornais e através de informações encontradas no livro Arruar, de Mário Sette, ficamos sabendo que a necessidade do telefone para o público era tanta, que pouco depois da inauguração já se registravam queixas pela imprensa, de não dispor de um telefone, à Companhia Brasileira de Navegação.

E já naquele tempo começava a reação contra os abusos dos que utilizavam os telefones alheios, não para as necessidades de urgência, mas para as conversas demoradas sobre enredos de filmes, fofocas, alegrias ou frustrações amorosas.

As linhas telefônicas tinham atingido os arrabaldes, e, pouco a pouco, os telefones iam deixando de ser novidade.

Em 1958 haviam sido instaladas, no Recife, 6 500 linhas do sistema Siemens Brothers. Mas um acontecimento veio tornar possível um maior número de linhas, bem como uma maior eficiência no âmbito das comunicações por telefone.

CTP & Desenvolvimento

Em princípios de julho do mesmo ano foi fundada a Companhia Telefônica de Per-

nambuco, por escritura pública, com a finalidade de explorar o serviço telefônico do Recife e Olinda, objetivo que até hoje vem sendo cumprido pela empresa.

Entre as invenções que contribuíram decisivamente para a velocidade e imediatismo das notícias, encontra-se o telefone, hoje, dentro da atual política das telecomunicações no país.

O serviço telefônico tem exigido especial atenção do Governo, mesmo porque as comunicações através desse meio se tornaram cada dia mais úteis ao desenvolvimento e integração do Brasil.

Abnegação

Em Pernambuco, um homem tem o seu nome ligado à própria história do telefone no Estado. Lutando contra as dificuldades iniciais de toda iniciativa que busca afirmação e estabilidade, o Dr. Ralph Lessa, ex-diretor da Companhia (começou na então The Telephone Pernambuco Company, aos 13 anos de idade), soube imprimir um grande impulso desenvolvimentista aos interesses do órgão em formação. Ligou o primeiro telefone automático em Pernambuco, além de ter sido o legítimo fundador da Telebrás. Nunca deixou de fazer reivindicações para o Nordeste inteiro, dirigindo-se ora a parlamentares, ora a altos mandatários da Nação.

Ali permaneceu durante 48 anos, e ainda hoje é profundamente interessado neste tipo de comunicação. Recebeu várias condecorações e homenagens, entre as quais a Medalha de Ouro da Prefeitura, o título de Cidadão do Recife e o grau de Comendador.

CONTINUA



COMUNICAÇÕES:

história e dimensionamento no tempo e espaço

Correios e Telégrafos

CONTINUAÇÃO

Os correios são conhecidos desde a antiguidade, ora a serviço exclusivo de soberanos e chefes, ora como instituição eventualmente franqueada a particulares, ora como organização estatal para uso de todos os cidadãos. Na antiga tradição da Babilônia existem cartas que datam antes de 1850 a.C. Na antiguidade greco-romana, as cartas eram escritas a tinta em folhas de papiro que se enrolavam e amarravam com cordões. Ciro, o Grande, rei da Pérsia, quando de sua guerra contra os citas, criou um serviço de mensageiros com numerosos postos, onde as mensagens passavam de um a outro até chegarem ao ponto de destino. Xerxes, outro rei persa, deu ao seu povo a notícia da derrota de Salamina através de um mensageiro que já se utilizava de cavalos de muda. Augusto, que dispunha de boas estradas, parece ter sido o criador regular de correios, a pé, a cavalo, ou em viaturas, para uso próprio e das pessoas que o acompanhavam. Na França, a instituição dos correios data do tempo de Carlos Magno (807); na Alemanha, de meados do século XV; na Itália, a administração estatal dos correios data de 1697; na Inglaterra, o primeiro serviço postal foi estabelecido em 1635; na Espanha, as primeiras referências a algum serviço postal remontam a 1213; nos Estados Unidos, os correios apareceram em 1639 e ampliaram-se em 1693; em Portugal, a mais antiga referência a correios é de 1520, quando o rei D. Manuel nomeou o primeiro correio-

Correios no Brasil

No Brasil, o serviço de correio começou a funcionar a partir de um regimento aprovado em 25 de janeiro de 1663, nomeado o alferes João Cavaleiro Cardoso para exercer o cargo de "correio-mor do mar e correio-mor da terra", qualificado para o recebimento e envio de todas as cartas dentro e fora do reino. Em fevereiro de 1796, D. João VI, então príncipe regente, reinvidica para a real coroa a administração dos correios de cartas, mediante "generosa indenização ao correio-mor do reino". Em seguida é baixado o regulamento provisório para o novo estabelecimento do correio. Em 14 de maio de 1801 criam-se as caixas postais e o serviço de registrados, e são fixadas as taxas, calculadas de acordo com as distâncias. Em 1881 é regularizado o serviço de registrados para o interior e substituída a expedição de valores declarados. Logo um alvará cria os correios marítimos para o Brasil; o serviço postal interno do país é regulado por instruções baixadas em 26 de fevereiro de 1798.

O primeiro regulamento postal do Brasil, o "Regulamento provisional para a administração geral do correio da corte e província do Rio de Janeiro", data de 22 de novembro



Pesquisa



de 1808. Quatro anos depois o administrador cria dois lugares de agentes: um encarregado do serviço do mar e outro, das cartas de administração. Durante a Regência surgiram decretos organizando administrações postais na província.

Em 12 de julho de 1839 é autorizada a criação dos correios urbanos, com privilégios exclusivos. Em seguida são uniformizadas as taxas postais. Por decreto assinado por D. Pedro II, são introduzidos melhoramentos nos correios e alteração das taxas. Não demora muito e é iniciada a distribuição domiciliar de correspondência no Rio de Janeiro, nas capitais e principais províncias brasileiras. Em 1844 um novo regulamento postal fixa taxas diferentes para as vias marítima e terrestre, ao mesmo tempo em que são ampliados o número de caixas postais e o serviço urbano de distribuição. Seis anos após a criação da Repartição Geral dos Telégrafos, o serviço de correios passa a pertencer ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (1861).

Em 16 de agosto de 1880 é aberto um serviço de vales postais internos, e, logo depois, criam-se as cartas-bilhetes, com formulário próprio. Em 1888 há reformas nos correios. Alexandre Ferreira da Costa publica um Guia para a expedição de correspondência e de mala para uso dos empregados do correio do Rio de Janeiro, e Feliciano José Neves Gonzaga elabora "Instruções para execução do serviço de permutação de correspondências com países estrangeiros". E, alguns anos depois, os funcionários dos correios são dispensados da prestação de serviço militar na Guarda Nacional.

Em 6 de novembro de 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, estabeleceu-se pela primeira vez no Brasil a censura postal, extinta em janeiro de 1918 para o interior do país e em setembro para o resto do mundo. Em dezembro de 1919, Brasil e Portugal concordam em reduzir de 50% as taxas para jornais, livros e publicações periódicas.

O serviço postal aéreo regular tem início em março de 1927; nesse ano foram recebidas 44 malas aéreas e expedidas 23. Por fim, em dezembro de 1931 é criado o Departamento dos Correios e Telégrafos, que fica subordinado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, tendo como primeiro diretor o sr. Trajano Furtado dos Reis, com sede estabelecida no antigo paço da Praça Quinze de Novembro, no Rio de Janeiro.

Somente em 8 de fevereiro de 1968, através do decreto 62.236, o DCT é anexado ao Ministério das Comunicações. Em março do ano seguinte, embora continuando ligado àquele Ministério, o DCT é reorganizado como empresa autônoma, passando a chamar-se Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Revistas

RICARDO NOBLAT

Com o surgimento e a consolidação da televisão como o grande veículo das massas, em toda parte, levantaram-se quase que as mesmas dúvidas e interrogações: sobreviverão os jornais? Sobreviverão as revistas? O livro, sobreviverá? O mundo, transformado numa imensa aldeia global, parecia condenado ao império do áudio-visual. Todavia, a própria história da humanidade estava a mostrar que nenhum sistema de veículos desaparece. Em síntese: que nenhum veículo de comunicação se extingue. Ele se altera, se adapta, se aperfeiçoa, mas não morre, porque, se como diz Abraham Moles, os canais de comunicação são a representação dos nossos sentidos, por isso mesmo eles são perenes. São perenes porque atendem nossas exigências visuais (o jornal), auditivas (o rádio) ou as duas juntas (a televi-

e Nova", femininas; "Ele e Ela" e "Status", masculinas; "Placar", esportiva; "Medicina Hoje", médica; para citarmos apenas algumas. Ao mesmo tempo em que progride a indústria das revistas especializadas, declina a indústria das revistas ilustradas. E isso é um fenômeno mundial. Nos Estados Unidos fecharam duas grandes revistas ilustradas, a "Life" e a "Look", cujas tiragens ultrapassavam os cinco milhões de exemplares mensais; na França, "Paris Match" mudou de tamanho e mudou editorialmente para sobreviver e está sobrevivendo. No Brasil, revistas como "Manchete", "Cruzeiro" e "Fatos e Fotos", à parte alguns problemas específicos; ou por constantes mudanças da sua linha editorial, já tiveram tiragens muito maiores do que as que tem hoje.



ção). O método Braille já é uma forma de se atender a mais um dos nossos sentidos — o tato.

Pela multiplicidade de assuntos que aborda, a televisão criou novas necessidades de informação. Bombardeado por uma gama incrível de questões e informado sobre elas apenas passageiramente, como é muito próprio e característico da televisão, o telespectador sente-se instigado a procurar um aprofundamento maior desses temas. E aí entram os jornais e as revistas, focalizando com mais força e ênfase o porque dos acontecimentos. Gradativamente, inicia-se o abandono do jornalismo puramente descritivo pelo jornalismo interpretativo — aquele que analisa um fato, coteja com outros, proporciona uma remissão histórica e uma projeção. Se os jornais diários não tem ainda condições de praticá-lo em toda sua plenitude, por falta de pessoal especializado ou mesmo pela própria dinâmica da notícia, às revistas cabe essa tarefa. E elas a vem executando.

Um artigo de "Advertising Age", publicado no n.º 18 de "Bloch Comunicação", mostra que nos Estados Unidos, desde 1969, "os anunciantes, dando mostras de uma mudança de atitudes radical, começaram a ficar cada vez menos interessados em atingir a todos e cada vez mais interessados em atingir um universo de clientes específicos". Essa tendência é registrada, de uma certa forma, em toda parte e explica-se também ou principalmente por uma mudança nos gostos dos leitores. Sem nenhuma dúvida, despertados e informados superficialmente pela televisão sobre uma variedade muito grande de assuntos, eles pinçam os que mais lhes interessam e procuram saber mais a seu respeito.

Por isso e a cada dia mais, multiplicam-se as revistas de interesse específico, de público dirigido, as chamadas revistas especializadas. E no Brasil elas já são muitas: "Exame" e "Tendência", econômicas; "Mais

Publicações de informação variada, caracterizadas pelo grande espaço que dedicam à fotografia, as revistas ilustradas, de repente, se viram remando, pelo menos, contra três poderosos obstáculos. Intransponíveis se elas não se reestruturarem: a televisão, que dá a informação variada e a imagem, principais características das revistas ilustradas; o gosto do público, por revistas de interesse específico e a tendência irreversível dos anunciantes, de optarem por estas, que "atingem um universo de clientes específicos".

A pergunta impõe-se como evidente: as revistas ilustradas estão condenadas ao desaparecimento? Não, se elas sofrerem transformações, se flexionarem, se adaptarem às novas circunstâncias, aos novos tempos. "Paris Match" pareceu indicar o caminho para isso, quando diminuiu seu formato, economizando papel e enfrentando a crise de papel que, também, é um fenômeno mundial; dedicando, mais do que antigamente, um espaço maior ao texto; fazendo-se uma revista, enfim, mais compacta, onde a ocupação de determinado espaço editorial é pensado e repensado mais vezes. Uma outra modificação que deve se permitir uma revista ilustrada é a de uma nova abordagem dos assuntos que trata, pela valorização da figura do repórter. Enquanto as revistas de informação e atualidade, tipo "Veja", "Time", "L'Express" desenvolvem um jornalismo impessoal, pela uniformidade dos seus textos, as revistas de ilustração, valorizando o repórter, ofereceriam uma nova opção. É, inegavelmente, a matéria-testemunho, na qual o repórter dá sua contribuição pessoal, atraindo o leitor para o centro do acontecimento, a que mais prende a atenção, a que mais empolga e fascina. Por último, fazendo-se mais compactas, as revistas ilustradas diminuirão, necessariamente, o número de assuntos que abordam e poderão tratá-los com mais profundidade e seriedade.

CONTINUA



COMUNICAÇÕES:

história e dimensionamento no tempo e espaço

CONTINUAÇÃO

A crise na imprensa escrita

FERNANDO MENEZES

A queima de etapas na Imprensa brasileira parece ser assunto fora de qualquer contestação. Quando o rádio ainda não atingira um nível de qualidade nem mesmo mencionável, entramos pela televisão, que recorria ao rádio, e assim fizemos desde o início uma televisão de má qualidade, enquanto matávamos o rádio como importante veículo de informação, sobretudo levando-se em conta nosso consumidor: de baixa renda e sofrendo de altíssimo índice de analfabetismo.

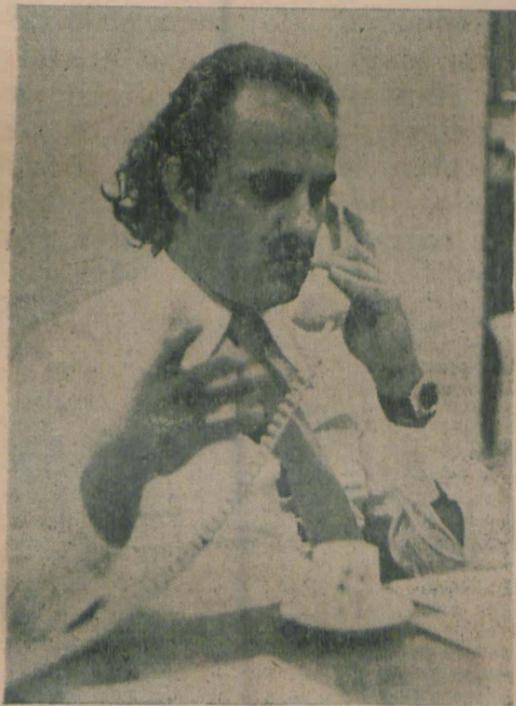
Recentemente, aqui no Recife e anteriormente no Rio e em São Paulo, determinadas emissoras se têm preocupado com a informação, inclusive pelo ângulo da simultaneidade com o fato, possibilidade ampla do rádio, tão pouco explorada pelos responsáveis pelos noticiários. Favorecido por um custo operacional bem mais baixo que a TV, o rádio poderia render muito mais, podados os excessos, agilizando o tratamento da reportagem relâmpago, dosados os horários para que não ferissem as programações de entretenimento.

Na Imprensa escrita, apesar do excelente índice gráfico de muitos dos nossos jornais, diversificamos as ofertas, é verdade, buscamos públicos específicos, mas o verdadeiro "front" do jornalismo, a notícia e a reportagem, não recebeu um planejamento que lhe assentasse bases para uma disputa com a televisão. Alguém poderá argumentar que o alto custo operacional da TV deixa no jornalismo escrito a chance da pesquisa e da interpretação. Sim, a alternativa é correta e até óbvia. Mas quem realmente levou o problema a sério? Alguns poucos e grandes jornais do Sul e mesmo assim, através de uma caminhada pontilhada de crises e recuos. O dilema de que a interpretação e a pesquisa sugerem ao público de nível é falso. Depende apenas da linguagem. Os cadernos especiais também estão destinados a públicos específicos e fizeram sucesso (estão em crise agora, mas sempre foram golpeados pelos "cadernos promocionais"...) .

O que ocorre é exatamente que estamos vivendo uma época de rápidas transformações. O enfoque econômico, naturalmente prioritário porque se destina ao desenvolvimento, tem uma força tão avassaladora que modifica rapidamente todo o "status", inclusive e sobretudo o intelectual. A TV brasileira inclusive e ainda não é boa, mas toda vez que avança em qualidade, destrói um pouco mais o jornalismo escrito, que continua com seus empresários e muitos dos seus profissionais boquiabertos, sem rumo, sem uma planificação adequada.

A medida que o público eleva sua capacidade de entrar na roda viva do consumo, ele dedica mais tempo e mais atenção ao que é mais fácil e menos trabalhoso em termos de informação. O sucesso da TV não se deve apenas ao nosso índice de analfabetismo (aquela estória do sujeito que deixa de comprar comida para ter um televisor). O grande público vê televisão precisamente para consumir o mais fácil e mais atrativo: novelas, futebol e os grandes espetáculos. A informação jornalística que ele recebe pela TV é adicional, mas está sendo dosada a um nível que ele, que antes já não lia por motivos diversos, agora já não precisa ler nada. Chamo a atenção para os plantões permanentes, que já interrompem a programação normal para informar, sobretudo a Rede Globo, que já não utiliza esse esquema ocasionalmente, o faz como rotina.

Nos Estados Unidos a maioria dos grandes jornais está fechando. O remédio seria especializar a informação. O homem sempre desejou saber o que se passa em sua casa, em sua comunidade, precisamente em sua rua. E a reportagem está agonizando no Brasil. Os jornais locais, por muitas dificuldades, abraçaram a oferta pronta. Os boletins oficiais tomaram o lugar do noticiário local e aquela mística do "nosso homem" acabou. A figura do repórter, já não falamos da figura romântica do justiceiro e panfletário que saía a descobrir crimes e escândalos, mas do caçador de notícia, está quase esquecida. Nos Estados Unidos, os jornais de bairro têm sido a saída e de grande sucesso. A motivação voltou tão forte quanto antes. O homem quer saber o que fazem dos seus impostos, a grandeza e até a miséria dos seus vizinhos que a grande cidade afas-



ta brutalmente. Ele quer saber até mesmo quando lhe darão um novo parque na selva de cimento. O geral ele consome rapidamente, mas sua curiosidade é latente, sobretudo para as coisas que o cercam.

Os jornais de província ou os jornais de bairro para renascerem ou nascerem têm que partir basicamente da comunidade. O noticiário local e a crítica aos acontecimentos da comunidade. A grande reportagem não é necessariamente aquela que se fez montado no Pico do Himalaia. Pode muito bem ser a estória de uma criança da grande cidade que jamais viu uma galinha viva... ou o homem solitário que cuida de todos os gatos do seu bairro. Não importa que o tema não seja realmente novo, afinal, o que há de realmente novo? O Alcorão há tanto tempo vem dizendo isso, que não há nada de novo debaixo do sol, o que interessa é exatamente como dizer as coisas e a quem dizê-las.

Os desencontros da imprensa escrita, sobretudo no Recife, são inacreditáveis. Além de todos os vícios já adquiridos, existe um alheamento indesejável, uma coexistência com o erro que a cada dia afasta mais o público. As pesquisas mais sérias apontam números assustadores para nossa cidade, relativos ao maior adversário dos jornais, a TV. Temos mais de 158 mil famílias com aparelhos de TV. Vejam bem, em horário nobre, ao nível de 89%. Mesmo assim, nem mesmo temos crítica de TV. A coexistência entre as empresas parece a saída mais fácil e aquela que evita uma polémica ou um atrito. Mas e o público, razão fundamental da informação?

Afastado este ângulo cresce ainda mais a outra face e a mais perigosa. Basta que se multiplique 158 mil por pelo menos 5 pessoas e chegaremos ao resultado de que mais da metade da população sabe dos acontecimentos com mais de 12 horas antes que os jornais façam sua oferta, repetida, sem imaginação, sem interpretação. As novas regras e leis que regem a imprensa são as mais limitadas dos últimos tempos, mas a própria imprensa cuidou de seguir o caminho mais fácil, ofertando o que lhe dão e como lhe dão, sem qualquer toque daquela mística que constrói o verdadeiro profissional e o capacita a ver acima das paixões, amar a verdade e servir à sua comunidade. Não há choque entre a lei e a vocação e quando houver, que os resultados negativos não venham porque os profissionais deixaram de exercer suas funções. Estamos falando basicamente de informação, os assuntos políticos representam apenas um ângulo da questão. Falamos de jornalismo como exercício profissional, como missão, como tarefa. A crise está aí e muito além das limitações de leis ou circunstâncias. A questão, tragicamente, é sobretudo empresarial e profissional.

Cinema

A Falência de Peckinpah

Os mais antigos cowboys do cinema não são exatamente aquilo que gostaríamos que eles fossem: modelos de bravura, eloquência e cavalheirismo. O cowboy cantor pode ser tomado como exemplo desta nossa afirmação, pois esse tipo constitui um traço invariavelmente negativo. Ele era um molirão, e, sem dúvida, o fato de arrebatá-la mulher amada usando o violão como arma principal — diferentemente dos cowboys que vieram em seguida — desencorajaria visivelmente o moderno apreciador do filme de western. E, excetuadas as deploráveis manifestações do italiano Sergio Leone e seus similares, o apreciador do filme de western é de opinião que as obras mais representativas do gênero jamais floresceram em semelhante atmosfera. Pois a atmosfera própria do verdadeiro filme de western, o western psicológico, o espectador cinematográfico vislumbrou em "No tempo das Diligências" (Stagecoach), realizado por John Ford em 1939 — ou seja, dois anos antes de Orson Welles realizar o seu revolucionário "Cidadão Kane", com o próprio Welles afirmando ter visto 40 vezes o filme de Ford antes de iniciar a saga do seu importante personagem. O ano de 1939 é, portanto, de fundamental importância para o filme de western. É em 1935, Ford dirige "Crepúsculo de Uma Raça", seu último trabalho, e numa época em que o gênero atravessava momentos qualitativamente inferiores. Então, podemos dizer que Ford é o auge do filme de western, e que, com a sua despedida — ele morreu em 1973 — os cowboys perderam inumeráveis das suas mais notáveis características — recuperaram-nas esporadicamente, mas somente quando manipulados por raros mas competentes artistas, alguns dos quais são sintomaticamente diferentes do autor de "No tempo das Diligências". Sam Peckinpah, por exemplo.

Quando a unanimidade crítica norte-americana descobriu o inegável talento de Sam Peckinpah, o excêntrico cineasta deixava transparecer sinais de visível decadência. E os lamentáveis sinais têm início com "Juramento de Vingança" (Major Dundee), desaguardo espetacularmente no mediocre e incongruente "Meu Odio Será Sua Herança" (Wild Bunch).

"Juramento de Vingança" chega a ser um bom filme, mesmo com o espectador levando em conta a onipresente violência que caracterizaria os filmes posteriores de Peckinpah — ele sempre teve em mente a violência da sociedade norte-americana de hoje, dizem os seus exegetas, mas o mesmo podemos dizer de cineastas (Kazan, Hitchcock) que até hoje conseguem manter o nosso interesse. A cena inicial do filme, por si só, já diz tudo: o alucinado major (Charlton Heston, excelente em alguns momentos) observa o que restou de uma dezena de soldados da cavalaria massacrados por rebeldes apaches. Os soldados foram empalados e torturados até à morte. O major jura que não descansará enquanto os "assassinos" estiverem à solta. Promete e cumpre, sem antes levar à morte dezenas dos seus companheiros, todos batidos pelos franceses que haviam atravessado o Rio Grande (fronteira México-Estados Unidos).

Mas "Meu Odio Será Sua Herança" é capaz de causar repulsa a qualquer espectador que tenha um mínimo de sensatez. O filme é um amontoado de incongruências e brutalidades absolutamente desnecessárias. Aqui, evidentemente, estamos diante de um primor de absurdo: três americanos, se não me falha a memória, destroem um imenso número de mexicanos sob as muralhas de uma fortificação. As mortes são violentíssimas, há muita promiscuidade e sangue em cores, muita exaltação do machismo. E só. Robert Ryan, um excelente cowboy (vide "A Hora da Pistola"), está completamente perdido, ridículo, até, o mesmo acontecendo com Ernest Borgnine.

"Sob o Domínio do Medo" não é western, nem tampouco policial. Um professor de matemática (Dustin Hoffman), homem pacífico e amável, além de totalmente voltado para os seus estudos, é obrigado a tomar atitudes que, em diferentes circunstâncias, não tomaria. Neste filme existem tipos bastante anormais: desordeiros, um manco que acaba por matar uma jovem indefesa, uma ninfomaníaca (Susan George, mulher do professor de matemática, e, em parte, responsável pela chacina do final). É um filme cuja pretensão seriada quase atinge o seu objetivo. É infinitamente superior a "Meu Odio Será Sua Herança", mas é muito pequeno o número dos seus admiradores.

Há farta exibição de machismo nos filmes de Sam Peckinpah. Em "Juramento de Vingança" o major é implodido com aqueles que o cercam, inclusive com o jovem e bravo tenente confederado (Richard Harris), cuja vida é poupada em troca de sua participação na expedição contra os apaches. O tenente é morto pelos franceses, mas o major atravessa o Rio Grande (eles estavam em território mexicano) e salva sua pele pela pele.

Mas ninguém escapa ileso em "Meu Odio Será Sua Herança", nem mesmo as crianças, que, por final, ajudam substancialmente na luta contra os aventureiros lanque. É o triunfo completo do machismo, mesmo porque não há um só moleirão na trama.

E, de brutalidade em brutalidade, Peckinpah resolve filmar mais uma inverossimilhança: a legenda do famoso pistoleiro Billy Kidd, já agora em franca desarmonia com o seu outrora inseparável Pat Garret, que o diretor transforma num delgado nada escrupuloso.

Pat Garret (James Coburn) elimina Billy Kidd (Kris Kristofferson) sem titubear, mas não tem importância, pois, anteriormente, o pistoleiro fizera exatamente o mesmo com o próprio tio, de maneira ainda menos "logiável". Ninguém é nobre neste último trabalho de Peckinpah, mas o pistoleiro possui uma rara virtude: não usa máscara alguma. "Os tempos podem mudar, mas eu não", diz ele ao verificar a estrela do lata pendendo do peito do ex-amigo. E, mais uma vez, a violência é o dado mais saliente em "Billy the Kidd and Pat Garret".

O crítico Sérgio Augusto disse que, com toda a infraestrutura proporcionada por Hollywood, qualquer diretor faria algo semelhante ao atual cinema de Peckinpah, ou seja, com a mesma vacuidade espiritual.

Pensador pernambucano nega modelos vigentes do conhecimento humano

O mundo inteiro vai se surpreender, brevemente, com a publicação da obra intitulada Tertium Organum Milenium (Projeto de Reformulação da Lógica dos Fundamentos Filosóficos da Ciência, da Filosofia, da Metafísica e do Método Científico), do escritor pernambucano Pessoa de Moraes, que nega, radicalmente, como se depreende da simples leitura do título, toda estrutura do conhecimento humano

até agora vigente nos modelos tradicionais, tanto das ciências como das filosofias.

Contra-pondo-se a figuras monumentais do pensamento humano, como Aristóteles e Francis Bacon, sem falar de Platão e Pitágoras, Pessoa de Moraes se distingue dos outros filósofos no fato de que enquanto toda filosofia terminava com eles, conforme admitiam, para

o pensador pernambucano não somente nega inteiramente a estrutura do conhecimento humano, como também oferece um novo modelo de conhecimento humano, como um todo humano, como um todo inconcebível, como um todo novo: "Trata-se de uma filosofia lógica filosófica lógica até aqui"

— É verdade que o senhor, em sua obra Tertium Organum Milenium, instaura uma reformulação epistemológica e, ao mesmo tempo, ontológica do conhecimento humano?

— O livro que estou elaborando, em quatro volumes de quatrocentas páginas cada um — Tertium Organum Milenium (Projeto de Reformulação da Lógica, dos Fundamentos Filosóficos da Ciência, da Filosofia, da Metafísica e do Método Científico) e que será publicado em primeira mão nos Estados Unidos ou na Europa, é a exposição e justificação sistemática de uma descoberta essencial no campo genérico de toda a estrutura do conhecimento. Essa descoberta, nos moldes em que se delineou, jamais supus realizar e me veio como algo de surpreendentemente inesperado, no curso dos meus exaustivos estudos dos últimos anos. Trata-se, pela primeira vez, de uma filosofia, ou melhor, de uma lógica filosófica diferente de toda a lógica até aqui existente. Ainda mais: em condições de operar uma síntese e visão completamente novas de todo conhecimento humano e de unificar, portanto, todo o saber possível dentro de dimensões até agora nunca suspeitadas.

Por isso, isto é, por diferir, de maneira substancial, das enormes limitações da lógica científica ou qualquer lógica historicamente pensada, a nova filosofia ou lógica-filosófica é também, pela primeira vez, um conhecimento pragmático objetivo. Lida com os fenômenos da natureza, permitindo colocá-los dentro de inédita moldura causal e articula uma nova visão dos fundamentos da ciência, levando o entendimento do quadro fenomênico a limites que igualmente nunca poderiam ser suspeitados nos padrões do estilo de conhecimento vigente.

A descoberta básica exposta e justificada no Tertium Organum Milenium abrange, assim, uma visão tanto epistemológica como ontológica. Quer dizer, além de ser uma teoria do conhecimento inteiramente diferente de tudo quanto foi pensado até aqui, representa também uma ontologia, por significar uma elucidação também inédita de toda a problemática do ser em sua dimensão mais ulterior e definitiva.

— É verdade que o modelo de ciência estabelecido até agora compromete a evolução do próprio conhecimento?

— O modelo de conhecimento estabelecido até agora está irremediavelmente bloqueado



ou estrangulado pela inexistência precisamente da nova descoberta constante dos postulados básicos do Tertium Organum Milenium. Ou seja, trata-se de um estilo de conhecimento com equívocos fundamentais em suas raízes tal como foi estruturado pela cultura grega, culminando nos sistemas filosóficos de Pitágoras, Platão ou Aristóteles e com retoques apenas de superfície no que veio a se chamar o método indutivo que instaurou as bases da ciência chamada moderna, através sobretudo de Francis Bacon, Galileu e Descartes, no que também se teve como Renascimento.

Há falhas irremediáveis nos alicerces de todo o quadro do conhecimento humano, o que é mostrado de modo contundentemente preciso e exaustivo no Tertium Organum Milenium. Assim, a partir dos séculos XVI, XVII e XVIII Copérnico, Giordano Bruno, Francis Bacon, Galileu, Newton, Kepler, Boyler, Descartes, Spinoza, Locke, Leibniz, Hume, Berkeley, Kant, Fichte, Schelling, depois Hegel, Nietzsche, Kierkegaard, Schopenhauer, Husserl, bem como a ciência, lógica e filosofia contemporâneas assemilaram intransponíveis equívocos do entendimento grego que se instalaram sorrateiramente nas raízes de todo o esquema do conhecimento estabelecido, comprometendo-o de maneira visceral.

Isso na verdade não impede simplesmente um avanço da ciência, mas a possibilidade mesma do vislumbre concreto dos verdadeiros dimensionamentos das matrizes fenomênicas da natureza, ou da própria vida orgânica e mental humana, que jamais foram tocadas sequer, até aqui, dentro do modelo do conhecimento vigente, como mostro na obra mencionada.

— Acredita que somente uma reformulação na estrutura global do conhecimento abrirá uma perspectiva nova para a Humanidade?

— Foram justamente esses equívocos, examinados, constatados e ultrapassados no Tertium Organum Milenium e colocados nas raízes da compreensão humana que têm impedido de se enxergar, até aqui, um aspecto decisivo interessando basicamente a toda a evolução cultural da Humanidade: uma visão precisamente nos termos do Tertium Organum Milenium permite reformular a cultura mundial, possibilitando avanços e descobertas até aqui igualmente jamais sequer sonhados ou suspeitados. É claro que isso significa imensamente mais do que uma simples perspectiva nova para a Humanidade.

— Que relação existe entre seu Organum e o de Aristóteles e Bacon?

— Há uma diferença radical entre o Tertium Organum Milenium e o conjunto das obras de Aristóteles, chamadas de Organum ou o chamado Novum Organum de Francis Bacon. Esses foram esforços anteriores do conhecimento humano, porém irremediavelmente comprometidos com equívocos do entendimento que deram como resultado justamente todos os intransponíveis vícios que impediram uma visão menos superficial do próprio quadro fenomênico da natureza. O nome Organum, constante da descoberta agora formulada e desdobrada no novo projeto para o conhecimento humano, sumariamente numa obra em quatro volumes de quatrocentas páginas cada um, resulta contudo num imprescindível confronto com esses marcos do pensamento convencional: o Organum aristotélico e o Organum baconiano, este último sistematizador da metodologia indutiva, que contém igualmente irremediáveis vícios lógico-filosóficos em suas raízes, e cuja prova minuciosa é feita no Tertium Organum Milenium.

— A sociologia contribuiu em alguma coisa para sua abertura filosófica de hoje?

— Meus sistemáticos estudos de Sociologia durante vários anos, sempre incluíram paralelamente estudos complementares de antropologia física e cultural, ecologia, psicologia, história Geral ou do Brasil e psicanálise, além de uma curiosidade básica em torno das linhas de demarcação entre o propriamente dito social e o biológico. Isso me levou a estudos igualmente intensos de fisiologia geral e nervosa, bioquímica, endocrinologia e medicina psico-somática, etc. Com uma grande curiosidade concernente ao conhecimento, alonguei esses estudos em torno de velhas preocupações minhas, desde muito moço, quando ainda estudante de química e física do prof. Poggi de Figueredo, nos idos de minha primeira juventude.

Voltei nos últimos anos, de modo intensivo e sistemático, a estudos de várias físicas, e sistemático, a estudos de várias físicas, químicas, biológicas em conexão com a literatura de todos os principais textos de filosofia, de lógica ou de várias ciências, além de conhecimentos de saberes milenares e de estudo sistemático de enigmas do Homem e do Universo em geral, indispensáveis ao projeto do Tertium Organum Milenium.

Os estudos de sociologia, porém, tais como os fiz, isto é, numa visão muito ampla e diferente, me foram indispensáveis, pois me permitiram, como filósofo, uma conexão entre o pensamento de qualquer autor examinado ou criticado por mim e as raízes sociais mais próximas do seu modo de pensar.



Natural de Pernambuco, município de Timbaúba, cidade encravada na zona canavieira, Pessoa de Moraes bacharelou-se pela Faculdade de Direito da UFPE, destacando-se como aluno brilhante. Após concluir o curso, exerceu o Ministério Público, em cidades do interior do Estado; fez concurso público para advogado de ofício, obtendo o 1.º lugar, com nota dez, função que ainda exerce, paralelamente a suas atividades como professor universitário titular da Universidade Federal de Pernambuco. Destaca-se como autor de várias obras no campo das ciências sociais, entre elas, **Sociologia da Revolução Brasileira, Tradição e Transformação do Brasil**, além de outras que abrangem assuntos que vão da comunicação à cibernética. É solicitado sempre pelas maiores instituições do Brasil e do exterior, a proferir conferências e a escrever para os maiores periódicos do Brasil, França e Estados Unidos. Ele se notabiliza, ainda, como autor de várias obras de filosofia, dilatando o campo das suas experiências sociológicas, abrangendo outras áreas, inclusive das ciências experimentais como a Química, a Física, a Biologia e a Matemática.

delos ano

ucano a filosofia
na mas começa
ar da sua obra,
o inovadora, sob
do conhecimen-
modelo até agora
rme diz textual-
a primeira vez,
melhor, de uma
ferente de toda
istente".

como ajuda apenas subsidiária, pois o
ou melhor, a prospecção das matrizes
do pensamento de qualquer autor
vislumbradas apenas de um ponto
ricamente sociológico. Contudo,
permite complementar a perspecti-
na não deixar lacuna possível. Além do
vece elementos que permitem avaliar
a compulsão de certas formas históri-
histórico-sociais na gênese dos equívocos.

achar acha que a lógica, em seus diver-
gêneros, ainda deve continuar como
de partida de qualquer síntese
lógica?

lógica, tal como é conhecida até hoje,
tenta um tremendo estorvo no campo
aber. Suas escolas antigas ou contem-
porâneas giram invariavelmente em torno
do mesmo equívoco. Até agora, isto é,
o projeto do Tertium Organum Milenium,
estar distorcida em seus fundamentos
científicos, o que se tem entendido como
é apenas o alicerce de uma falsificação.
É claro que isso não leva absolu-
tamente a síntese nenhuma com relação a
capaz de unificar as verdadeiras estru-
turas e lhe conferir um dimensio-
nal capaz de romper as obstruções
hoje insuperáveis de todo o conheci-
mento humano.

que sua descoberta afeta o modelo epis-
temológico das ciências até aqui conhecido?

descoberta constante do Tertium Organum
Milenium altera, como foi visto, as raízes
da estrutura epistemológica e ontológica do
conhecimento estabelecido, dentro porém de
uma concreta reformulação no quadro da
compreensão fenomênica das coisas. Deste
modo, mostra haver, por exemplo, um mapa
completamente inédito na estrutura essen-
cial da causalidade na natureza, deslocando,
por exemplo, por completo, todo o quadro da
perspectiva científica conhecida, em suas
raízes fundamentais.

alcança todo o alicerce lógico-filosófico dos
saberes milenares e o estilo científico ou filosó-
fico do conhecimento vigente é que, ou ficaram
sempre no terreno da pura mística ou jamais
suspeitaram de como conciliar tudo isso numa
visão concretamente filosófico-científica. Isto
é, capaz de decifrar níveis jamais suspeitados
da natureza, estruturá-los numa radical reformu-
lação das categorias da lógica, da filosofia e
do que até aqui se vem chamando de metafí-
sica e, de modo paralelo, abrir um quadro ob-
jetivo de perspectivas para inédito elastece-
mento do contexto epistemológico de todas as
ciências.

o ponto de vista das ciências da natureza,
físicas, por exemplo, serão objeto de al-
teração reformuladora diante de suas teses?

pergunta é muito oportuna. Uma inédita
visão do quadro geral do entendimento, tal
como está colocada ostensiva ou sobretudo
implícitamente até aqui, terá necessariamente
de se complementar, como vimos,
numa sistemática confronto com as raízes
essenciais das ciências. Então, isso é feito
de maneira exaustiva no Tertium Organum
Milenium que, a partir dos novos instrumen-
tos lógico-filosóficos de análise, delineia
a inesperada visão das bases mesmas
físicas, através de igualmente inéditas
radicais reformulações nos conceitos de



energia, matéria, movimento, partícula, onda,
campo de força e tudo o mais.

É claro também que todo o conjunto de
novas descobertas em vasto, porém fragmen-
tado campo das várias físicas, tudo em conexão
com a nova lógica-filosófica, serve de confronto
para posteriores desdobramentos das novas ca-
tegorias científicas de compreensão. Possibili-
tamos, assim, inumeráveis dados objetivos,
cuja reformulação através dos elementos da
nova epistemologia, levam justamente tanto a
uma sólida comprovação das teses da obra,
como a um incalculável alcance no importan-
tíssimo setor do estabelecimento de uma nova
perspectiva igualmente jamais sonhada para as
físicas e também para as químicas, sobretudo
as bioquímicas das próximas décadas.

— Como o senhor defende a coincidência
entre a mística e a grande ciência?

— É impossível uma visão ulterior do conheci-
mento humano sem um sistemático estudo
dos saberes milenares, na perscrutação de
símbolos ou alegorias, para ajudar a decifra-
ção da chave de perdidos enigmas da natu-
reza que dormitam na poeira dos séculos.
O que inclui inevitavelmente uma inspecção
tanto das raízes do cristianismo em sua
forma mais pura e primitiva, como sobretudo
do budismo, da Bíblia, do Bhagavad Gita, do
Alcorão e de todos os principais textos sa-
grados dos Vedas ou do Oriente em geral.

Todavia, o aspecto crucial da questão é re-
formular de tal modo as estruturas gerais do
conhecimento que se permita às ciências rom-
per o bloqueio contemporâneo de suas limita-
ções. A partir daí, ou seja, a partir de um qua-
dro concreto de nova perspectiva dos fenôme-
nos e suas inter-relações, estará se alcançando o
grande voo para a compreensão das verdades
últimas. Estas, contudo, terão de ser entendi-
das em torno de uma completa reformulação
de tudo quanto se tem pensado até aqui como
fenômeno, inter-relações causais e suas verda-
deiras e inéditas fundamentações.

O grande impasse, com relação aos saberes
milenares e o estilo científico ou filosó-
fico do conhecimento vigente é que, ou ficaram
sempre no terreno da pura mística ou jamais
suspeitaram de como conciliar tudo isso numa
visão concretamente filosófico-científica. Isto
é, capaz de decifrar níveis jamais suspeitados
da natureza, estruturá-los numa radical reformu-
lação das categorias da lógica, da filosofia e
do que até aqui se vem chamando de metafí-
sica e, de modo paralelo, abrir um quadro ob-
jetivo de perspectivas para inédito elastece-
mento do contexto epistemológico de todas as
ciências.



Na medida em que isso é realizado sistema-
ticamente no Tertium Organum Milenium, se
terão então, como fica demonstrado de mane-
ira cabal na obra, as chaves de um entendimento
novo, porém jamais suspeitado das leis múlti-
plas, inéditas e objetivas da natureza que se
tornam íntimas, de todos os grandes segredos
ou enigmas cogitados pela mística. Igualmen-
te tomados pela filosofia e pela metafísica até
hoje sem quaisquer condições de elucidação
que não calam no âmbito da pura e simples
perspectiva especulativa. Ao contrário, no
Tertium Organum Milenium, pela primeira vez,
os grandes enigmas do Homem ou do Universo
são trazidos à luz de uma explicação inédita-
mente filosófico-científica abrangente que
pretende chegar aos ulteriores e definitivos lí-
mites epistemológicos e ontológicos do conheci-
mento humano.

Isso possibilita evidentemente desvendar
fronteiras até aqui inacessíveis a uma compre-
ensão palpável e científica das coisas. Só
através, portanto, de uma Ciência Maior, de
uma ciência das ciências, no sonho até agora
irrealizado de alguns filósofos e constante do
Tertium Organum Milenium, se poderá descortinar
o grande véu que tornará a verdadeira mística
íntima da verdadeira ciência. E isso por
tocar as raízes dos até agora considerados eni-
gmas da natureza ou da vida humana. O que é
feito justamente através das descobertas bási-
cas constantes da obra já referida e que possibi-
litam não apenas o equacionamento de proble-
mas científicos nunca até aqui cogitados, como a
sua solução considerada também impossível.

— Em que seus trabalhos alterarão os estilos
de psicologia até hoje vigentes?

— É evidente que os estilos de Psicologia,
incluindo a psicanálise, a teoria do Behavioris-
mo, a Gestalt, sem falar no padrão vago
dos Introspectivismos psicológicos, tudo
isso se assenta em raízes lógico-epistemo-
lógicas também falsificadas. Essas raízes
são como uma arquitetura feita de areia mo-
vediça, que não resistirá ao menor sopro
do vento e ruirá em seus alicerces, como
um castelo de cartas. Refletem tão somente
os equívocos lógico-filosóficos que estão nas
suas bases, além de nem sequer tomarem
conhecimento das conquistas mais razoáveis
do próprio conhecimento científico contem-
porâneo no terreno das várias físicas,
de si mesmas também já suscetíveis de ra-
dical revisão.

— Acha que seus estudos modificarão também
as biológicas e as sociológicas ensinadas nas
universidades do mundo inteiro? E a parap-
sicologia como ficará diante disso?

— Quanto às biológicas elas receberam igual-
mente de empréstimo, inclusive seus es-
quemas de causalidade, do insubstancial
modelo lógico-filosófico que demonstro ser
inteiramente equívocado, nos quatro volumes
do Tertium Organum Milenium. São herdadas
de insanáveis vícios do entendimento e
que estão nas bases da noção com a qual
estruturam sua perspectiva. E isso apesar
de certos avanços muito esparsos no cam-
po da biologia molecular, por exemplo, ca-
rentes contudo de outras pistas sem as
quais tudo o que se sabe hoje, nesse como
em outros setores, ficará irremediavelmente
estrangulado, limitado ou cerceado.

Quanto ao que se vem chamando de parap-

sicologia, esse ramo constitui, como por assim
dizer, uma sucata do conhecimento humano,
onde se tem jogado, em vão, até aqui tudo o
que não se tem podido elucidar ou decifrar no
modelo convencional do conhecimento.

É claro que parapsicologia, como uma espé-
cie de almoarifado desse modelo, isto é, como
um mero depósito de registro de fatos consi-
derados cientificamente sem melhores explica-
ções, emperra, de maneira irremediável, num
obstáculo sem saída: espera infrutiferamente
resolver suas intrincadas questões tomando por
base justamente as tremendas limitações e dis-
torções do esquema científico vigente.

Envolve-se, portanto, num círculo vicioso:
vem das sobras de um equívoco e tenta se all-
mentar justamente da impotência de um
modelo cujas insustentáveis raízes jamais en-
tende e nem sequer pode vislumbrar. Aguarda
assim, o que se tem como parapsicologia, uma
imprescindível revisão na estrutura genérica do
conhecimento, a partir do Tertium Organum
Milenium, para ter condições de elucidar seus
até agora insolúveis impasses. Afinal, não se
pode colocar vinhos novos em odres velhos,
pois esclarecer enigmas de qualquer espécie
com fundamento no estreito e equívocado es-
quema do conhecimento vigente é uma completa
petição de princípios.

Também as sociologias terão de sofrer inima-
ginável reformulação a partir sobretudo dos
novos roteiros fornecidos para a ciência e que
terão de inevitavelmente se desdobrar em no-
vas ou inéditas tecnologias até aqui também
jamais suspeitadas. Torna-se claro que, a ser evi-
denciado e comprovado cientificamente o novo
quadro científico constante da obra, a reformu-
lação genérica do conhecimento implicará em
perspectivas igualmente nunca sonhadas até
aqui para a Humanidade no campo dos estudos
sociais.

É muito óbvio agora que tudo isso implica
numa sociologia assim, também inédita. Torna-
se natural, diante da descoberta sistematizada
e minuciosamente comprovada no Tertium Or-
ganum Milenium que fale, como falo, com tanta
certeza e inevitável entusiasmo.

É, na verdade, uma descoberta jamais sus-
peitada e que possibilita um alcance de pers-
pectivas para todo o conhecimento humano em
termos simplesmente inimagináveis até aqui.
Isso tudo, enfático, é sistemática e minuciosa-
mente comprovado, de modo rigoroso, no Ter-
tium Organum Milenium.



UFPE SERÁ MODELO PARA AS UNIVERSIDADES DO BRASIL

A Pró-Reitoria de Planejamento e Coordenação Geral está elaborando o projeto do modelo definitivo do Sistema de Informação para o Controle do Plano Geral de Ação da Universidade Federal de Pernambuco, devendo ser remetido à apreciação da Subin, até 31 de dezembro, conforme os termos do convênio firmado entre a UFPE e aquele órgão.

Para isso foi instituída uma equipe interna, composta de técnicos especializados em administração, computação e informações, além de auxiliares, estudantes e pesquisadores. O trabalho vem sendo desenvolvido com a participação também de técnicos de alto nível, que não pertencem à Universidade, cabendo a estes a elaboração da Concepção Geral, Projeto e Manual de Execução.

PIONEIRISMO E MODELO

Ao apresentar o projeto para instituição do controle, ao MEC e posteriormente à Seplan, a UFPE foi amplamente elogiada, merecendo das inovações sugeridas em termos de planejamento universitário, a ponto de a Subin (órgão da Seplan) admiti-las como um trabalho não só pioneiro, mas capaz de servir de modelo para as demais universidades brasileiras.

A opinião oficial da Subin sobre o trabalho: "Através deste projeto, a Universidade Federal de Pernambuco objetiva a implantação do sistema de informações e controle necessário ao bom desenvolvimento do seu Plano Geral de Ação (1976/79). Trata-se de atividade altamente técnica, que se constituirá em inovação na vida universitária, possibilitando o estabelecimento de um modelo que poderá, depois de testado, ser utilizado por outras Universidades".

A execução do Plano Geral de Ação acima mencionado exige, além de eficiente sistema de informação, mecanismos de planejamento, acompanhamento e controle que possibilitem a coordenação global das atividades desenvolvidas, bem como sua execução na sequência preestabelecida e nos prazos fixa-

dos. Isso será obtido com o reforço da estrutura operacional da Pró-Reitoria Extraordinária para Assuntos de Planejamento e Desenvolvimento, à qual estão afetas essas funções.

Os recursos a serem fornecidos pela Subin permitirão a contratação de pessoal de nível superior em áreas até agora deficitárias, quais sejam: orçamento, engenharia de sistemas e elaboração e controle de projetos, bem como o treinamento de pessoal em técnicas orçamentárias e no tratamento e processamento da informação".

CONVÊNIO

Depois de manifestar essa opinião à luz da análise feita sobre o projeto elaborado pela Pró-Reitoria de Planejamento e Coordenação Geral da UFPE, através da Subin, a Seplan celebrou um convênio com a Universidade Federal de Pernambuco, concedendo os recursos financeiros para a elaboração e implantação do seu Sistema de Informações para o Controle do Plano Geral de Ação.

Estão previstas as seguintes atividades: controle orçamentário-financeiro; controle das atividades de graduação; controle das atividades de pós-graduação; controle das atividades de pesquisa; controle das atividades de extensão; controle das atividades de intercâmbio científico; controle das atividades de administração hospitalar; e controle das atividades de implantação e operação do Campus.

SEMINÁRIOS

Para exposição e avaliação dos trabalhos desenvolvidos até agora, sobre o assunto, foram realizados dois seminários, com a participação de diretores de unidades

e dos técnicos responsáveis pelo projeto, estando o 3.º encontro marcado para julho, quando haverá a indicação e discussão da forma de utilização do Manual de Execução a ser elaborado.

DEFINIÇÃO

O Regimento Geral da Universidade prescreve a elaboração do PLANO GERAL DE AÇÃO, anual ou plurianual, em que serão definidas as linhas preferenciais de expansão da Universidade e fixados os objetivos e

metas prioritárias, tanto no setor de formação técnico-profissional, como no da pesquisa e da extensão, atendendo às necessidades do desenvolvimento da Região e do País.

Foi com base nesse dispositivo que a Reitoria, através da Pró-Reitoria de Planejamento e Coordenação Geral, elaborou o Plano Geral de Ação Trienal, anualmente revisto e atualizado, com o acréscimo de mais um ano, de modo a assegurar sempre um documen-

to básico de atuação a médio prazo.

O Plano está baseado no Plano Nacional de Desenvolvimento, no Plano Setorial de Educação e Cultura do MEC, nos planos das agências regionais de desenvolvimento, nas pesquisas de mercado de trabalho de profissionais de nível superior e nos estudos prospectivos realizados pela referida Pró-Reitoria, visando sempre o homem.

APROVAÇÃO

O Plano Geral de Ação

é aprovado pelo Conselho Universitário, ouvido o Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, constituindo-se, portanto, em um roteiro a ser cumprido pela Administração Superior da Universidade, independente de pontos de vista pessoais.

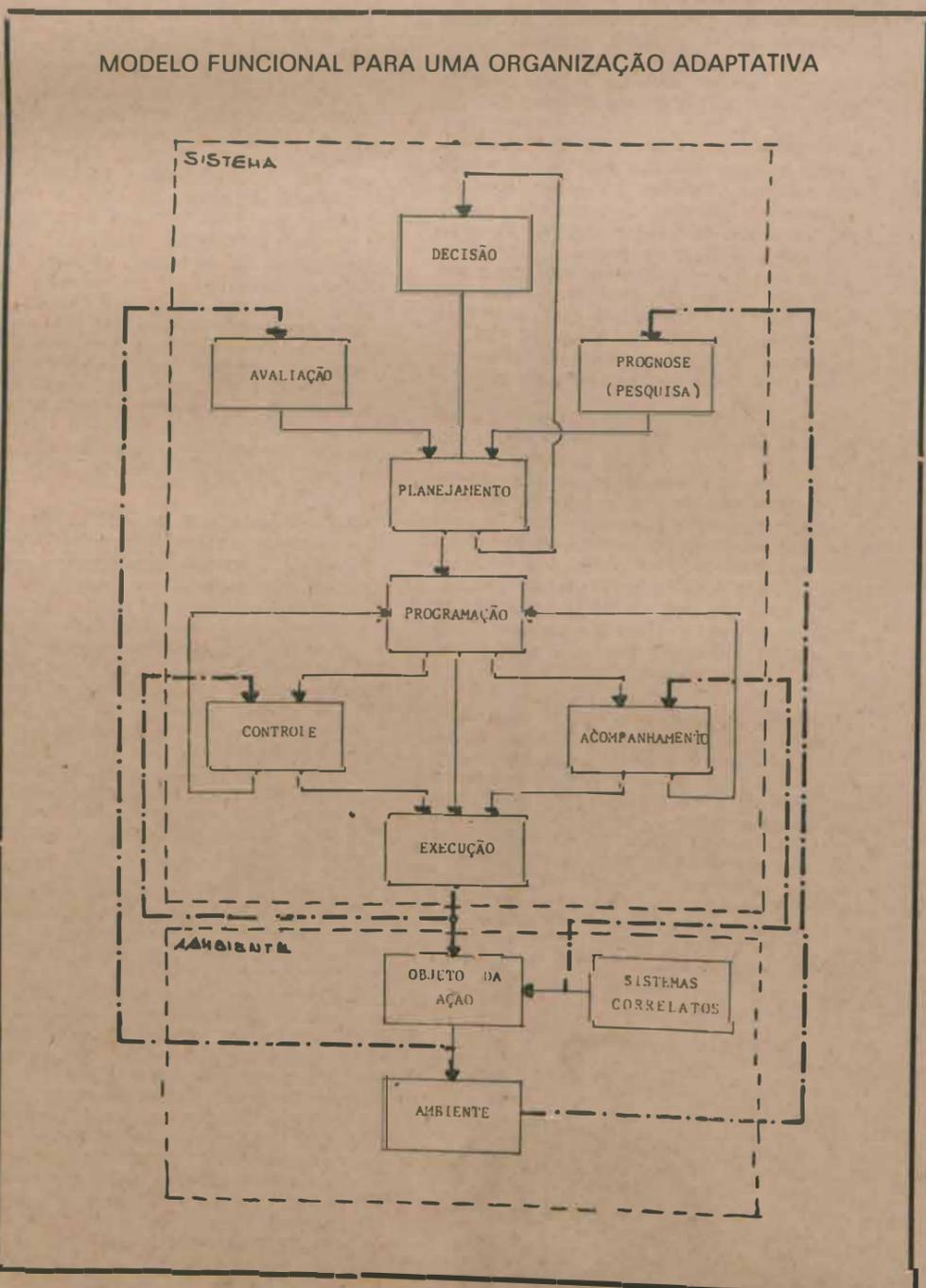
Ao institucionalizar o seu Plano Geral de Ação, a UFPE assumiu uma posição pioneira no sistema universitário brasileiro, lançando um modelo que tem merecido referências honrosas não só das autoridades superiores do MEC, como das outras universidades e instituições que se interessam pelo desenvolvimento do ensino superior.

O sistema universitário compreende uma série de atividades e subsistemas que poderiam ser definidos como Órgãos de Decisão, Avaliação, Prognose, Planejamento, Programação, Controle, Acompanhamento e Execução (Quadro anexo).

INTERAÇÃO

Por sua vez, o sistema universitário está em permanente interação com o contexto sócio-econômico e cultural em que se insere; dele recebe e para ele envia os elementos que forma; é o meio que lhe propõe, sugere e mesmo impõe as normas a seguir, os incentivos, as restrições, os parâmetros sob os quais atua.

Entre todas as atividades do sistema, uma não havia sido implantada, com a qual o Plano Geral de Ação está intimamente ligado, com uma interdependência que afeta o seu êxito — o **CONTROLE** — função representada pela capacidade de permanente e adequada verificação do cumprimento da ação programada.



O homem poderá passar de predador a predado

— O Homem, predador maior de todas as espécies, tanto nos continentes como nos mares, está caminhando a passos largos para o caos. A advertência, de certa forma contundente, é do estudante Newton Celso B. de Oliveira, do Curso de Graduação em Engenharia de Pesca da Universidade Federal de Pernambuco.



Em tom veemente, indaga: "Que mundo há de se legar aos nossos netos ou sem querer imediatismo, aos nossos filhos?". Afirmo, em seguida: "Se não houver rapidamente uma mentalização sistemática da necessidade imperiosa de preservação das espécies, dentro de muito pouco tempo a espécie humana passará da posição de predador a predado".

Utopia

Procurando não ser pessimista, mas um jovem preocupado com os nossos problemas, salienta que "a potencialidade pesqueira dos nossos mares poderá ser, num futuro não muito distante, mera utopia". Adverte: "É preciso que o homem caia na realidade de que o extermínio das espécies é um mal irreversível, se não for corrigido em tempo hábil".

"Nunca é demais bater-se na palavra poluição, — diz — palavra atualmente muito em voga, a qual está associada a progresso, numa associação em que uma é função direta da outra".

Pescado

Referindo-se ao problema do pescado,

chama a atenção para esse problema: "Pode-se observar que uma quantidade razoável de peixes jovens, capturados com redes de malhas finas, são postos no mercado consumidor como peixes de terceira categoria. Observa-se ainda que 60 a 80% do pescado não pertence a tal categoria e sim de primeira, mas por ser peixe miúdo e de pouca aceitação é vendido a preço de terceira".

Acrescenta: "O prejuízo que isso pode acarretar é de difícil previsão. Normalmente a pesca com redes de malhas finas se dá em estuários. O bom senso mostra que os alevinos, ou seja, os filhotes de peixes devem penetrar nos estuários à procura de uma fácil alimentação ou, por outro lado, se preservarem dos predadores naturais para em tempo oportuno, isto é, quando atingirem um desenvolvimento tal, possam voltar aos mares. Com o costume de pescá-los, tira-se a possibilidade de crescimento e consequente retorno ao mar, seu habitat natural, a não ser uns poucos que conseguem escapar ao crivo da rede".

Bagre

Diz, também, que outro tipo de espécie que é vítima da predação é o bagre. "As fê-

meas desse tipo de peixe — salienta — procuram os estuários para desova. Acontece que por costume natural da espécie, quando da eclosão dos ovos, guardam na boca os filhotes, até que percam o saco vitelino. As redes não fazem distinção na captura; o Homem, sim".

Entretanto, "existe uma lei que bitola o tamanho das malhas e a Sudepe, através de seus núcleos, procura fazer obedecer tal lei, ora por esclarecimento ou pela vis compulsiva". Newton Oliveira esclarece, no entanto, que "em virtude da extensão de nossas costas e a infinidade de nossos estuários, torna-se praticamente ou quase impossível uma permanente vigilância em toda a extensão litorânea e estuarina".

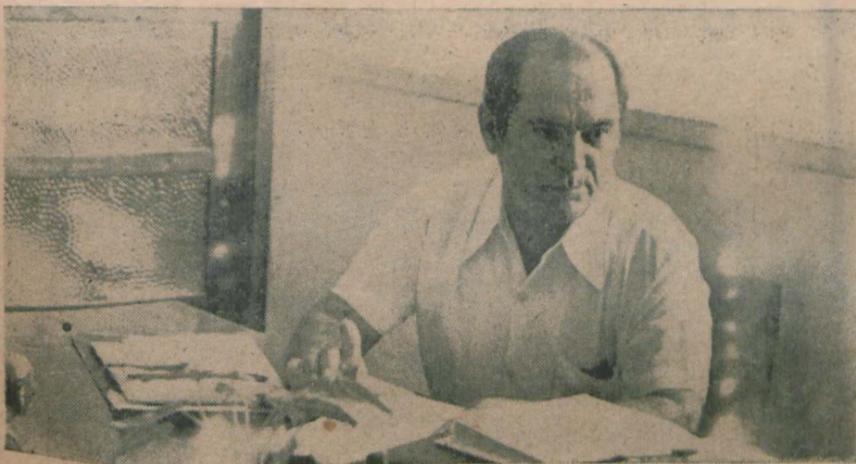
Considera, porém, que "o problema maior decorre da incapacidade dos pescadores de avaliarem o prejuízo que dão a si mesmos, quando da captura de fêmeas ovadas ou de filhotes que não são devolvidos à água. Não admito o raciocínio de que alguns meses depois eles mesmo poderiam capturá-los com a vantagem de maior peso e consequentemente lucro maior em função da qualidade

que para o caso citado predominava a carapeba (Dptomus), considerada no mercado como de primeira".

Ignorância

"Os pescadores alegam que sua probreza — adianta — não permite a espera do lucro maior, meses depois, prova patente de sua ignorância e de melhores esclarecimentos sobre lucro imediato e potencial, com a vantagem da preservação das espécies. Para exemplificação, fixou-se somente a carapeba, não querendo dizer com isso que a predação se dê só com essa qualidade de pescado. Observa-se também em tainhas, camarins, etc."

Concluindo, afirma que "é de se supor que na escalada que se vai, o sabor de uma peixeada só haverá na lembrança daqueles que tiveram a chance de um dia saboreá-la, como já acontece com a lagosta que, quando encontrada no mercado, é a preço proibitivo, em função da escassez sempre crescente que ainda não está sendo suficiente para que o predador maior, o Homem, dê a chance dos filhotes a que eles chamam de lagostins; cresçam e se multipliquem antes de capturá-los".



O Prof. Alcides Ferreira Lima expõe o problema da tuberculose e as providências oficiais para o combate ao mal

Os dados disponíveis sobre a situação epidemiológica da tuberculose no Brasil revelam que vivemos ainda em fase de grave endemia, com coeficientes altos de infecção, morbidade e mortalidade. "No Brasil não atingimos ainda os índices epidemiológicos recomendados para uma boa situação sanitária, já que em nosso país existem cerca de cinco a dez casos novos contagiantes por 100 mil habitantes. Para atestar o quanto estamos ainda longe de atingir o controle epidemiológico da tuberculose, basta conhecer os dados estatísticos referentes à cidade do Recife, onde temos de 150 a 180 casos novos contagiantes por 100 mil habitantes, afirma o professor Alcides Ferreira Lima, adjunto de Pneumologia do Departamento de Medicina Clínica do Hospital das Clínicas Pedro II, da Universidade Federal de Pernambuco".

Estima-se, em decorrência desses índices, que devem existir em nosso país cerca de 500 mil tuberculosos, 39 mil indivíduos infectados, mas não doentes, e 60 mil jovens ainda indenes e, graças a esta favorável perspectiva, passíveis de serem vacinados.

"Com o advento dos quimiobacteriostáticos tornou-se possível a cura em 100% da tuberculose, mas não podemos de forma alguma dispensar a valiosa colaboração do próprio doente, que terá de seguir estritamente as normas determinadas pelos médicos", continua o professor Alcides Ferreira Lima, que anuncia amplas reformas no ambulatório da Clínica, "onde serão concentradas todas as nossas atividades de ensino e pesquisa no campo da Pneumologia. Ali serão realizados os serviços de radiologia, aerosolterapia, fisioterapia e ginástica respiratória, bem como provas funcionais, testes alérgicos e tuberculínicos".

Ora, se considerarmos que a capacidade instalada e os recursos humanos de que dispõe o Brasil permitem apenas identificar 40% dos tuberculosos que procuram as unidades de saúde e curar 50% dos casos conhecidos; se considerarmos ainda que a melhoria desses índices só poderá verificar-se gradualmente, e em ritmo pouco acelerado, é fácil convir que a fórmula

única, no momento, capaz de influir com altas possibilidades de sucesso e a baixo preço, sobre a endemia tuberculosa vigente em nosso país, é a vacinação BCG, indiscriminada e maciça, da população suscetível à doença, em níveis superiores a 70%.

Faixas etárias

"Na impossibilidade de vacinar-se toda a população suscetível, com a necessária velocidade, foram adotadas prioridades etárias, fixando-as nos grupos de 0 a 4 anos, para a vacinação por via oral, e nos de 5 para 14 anos, através de vacinação intradérmica intensiva e indeterminada", assegura o professor, referindo-se às providências tomadas em nosso país para o combate ao mal.

De Koch aos nossos dias

Desde o momento em que Koch descobriu o famigerado bacilo da doença, inúmeros foram os progressos efetuados pela medicina. Sobre tudo nos países tidos como

APESAR DA BCG, AINDA HÁ ACENTUADO ÍNDICE DE TUBERCULOSE NO BRASIL



Uma criança sendo examinada no Dept. de Medicina Clínica

desenvolvidos, onde os sucessos alcançados pelos médicos e sanitaristas são muito mais acentuados do que nos menos favorecidos.

Em todo o mundo existem cerca de 10 a 20 milhões de tuberculosos contagiantes, 2 a 3 milhões de casos novos a cada ano, 1 a 2 milhões de mortos. E nenhum país conseguiu sequer controlar inteiramente a tuberculose, muito menos erradicá-la (a Suécia é um exemplo, mas possui, mesmo assim, um baixíssimo índice de tuberculosos).

Recomendações

"Sobre o problema da tuberculose não devemos esconder nada, mas é necessário fazer justiça: do tempo em que a doença era um flagelo até hoje, muito foi realizado, muito progredimos", reconhece um informe da Comissão Técnica da Campanha Nacional Contra a Tuberculose, da Divisão Nacional de Tuberculose.

Os peritos da Organização Mundial de Saúde (OMS) estabeleceram em três índices epidemiológicos principais que permitem medir a magnitude do problema da tuberculose e fixar programas de luta: 1) prevalência da infecção; 2) prevalência de bacilíferos; e 3) prevalência de imagens radiológicas significativas.

"Tais recomendações são seguidas fielmente como prioridades nacionais, como fazem os países desenvolvidos, mas sabemos que esses países possuem muitos recursos e pouca tuberculose, ao passo que nós temos mais tuberculosos e poucos recursos. E ainda mais, em um país continental como o Brasil, são enormes as diferenças sócio-econômicas entre as diversas regiões fisiográficas", lê-se no informe da Divisão.

A tuberculose é um problema de saúde pública e a luta contra o mal, para ser efetiva, deve ser levada à maior extensão possível do país. "Por isso, através da bacteriologia bem feita, com contagem de germes, do diagnóstico tuberculínico padronizado, de métodos radiológicos de acordo com as possibilidades, de esquemas terapêuticos simplificados, do treinamento de pessoal, com escolaridade de grau mínimo para executar, supervisionando, atividades específicas de controle da tuberculose, incluindo a vacinação BCG dos indivíduos indenes, a luta contra a tuberculose poderá alcançar o seu objetivo, mesmo em populações distantes dos centros de maiores recursos" disse o professor Alcides Ferreira Lima, concluindo que o ensino está voltado para uma visão global do problema da patologia pulmonar, oferecido aos jovens sem perder de vista a trágica realidade da tuberculose pulmonar em nosso meio.

ÉTICA PROFISSIONAL, PIONEIRISMO DA UFPE NO CURSO DE E. FÍSICA



O pioneirismo da Universidade Federal de Pernambuco em todo o País, por ter criado a disciplina Ética Profissional no currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física e Técnica de Desportos, foi amplamente ressaltado durante a II Jornada Internacional de Medicina do Esporte e no III Congresso Brasileiro de Medicina do Esporte, realizados simultaneamente em Porto Alegre, recentemente.

O Núcleo de Esportes da UFPE foi representado pela Professora Carmem Monteiro, diretora, que apresentou um trabalho elaborado por ela e pelo Pró-Reitor para Assuntos Comunitários desta Universidade, Professor Armando Ribeiro Samico, versando sobre o sistema do Curso de Licenciatura em Educação Física, no qual os autores enfatizam a disciplina Ética Profissional. Foi o único trabalho posto em discussão durante as reuniões das Escolas de Educação Física e apreciação dos seus currículos.

ADOÇÃO

A iniciativa da Universidade Federal de

Pernambuco foi aprovada pelos diretores das Escolas que participaram das reuniões, ficando definitivamente acertada a inclusão da disciplina Ética Profissional nos futuros currículos das demais Escolas de Educação Física e Técnica de Desportos.

Foi aprovada a criação do Estatuto do Conselho de Diretores das Escolas de Educação Física do Brasil (réplica do Estatuto do Conselho de Reitores), aprovando-se logo os seus Estatutos e eleito um Diretório Executivo, composto pelos professores José Coracy Ferraz Bueno (presidente), diretor da Escola de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina; cel. Ellos Pires de Carvalho, diretor da EEF da UFMG; Maria Helena Rodrigues Pinheiro, da Universidade Federal de Goiás; Carmem Monteiro Freitas, da Universidade Federal de Pernambuco; e Washington Gutierrez, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A Diretoria Executiva do novo Conselho tem, entre outros encargos, a incumbência

de promover a adequação dos currículos das Escolas de Educação Física do Brasil, para 1976; implantação do Dec. 69.450/71, que torna obrigatória a disciplina Educação Física nas Universidades; proposição ao Conselho Federal de Educação para que o diretor geral do Departamento de Educação Física e Desportos do MEC faça parte do Conselho Federal de Educação; e criação de cursos de aperfeiçoamento e especialização, conferindo direito ao professor a um diploma de especialista nas disciplinas profissionais dos cursos de Educação Física.

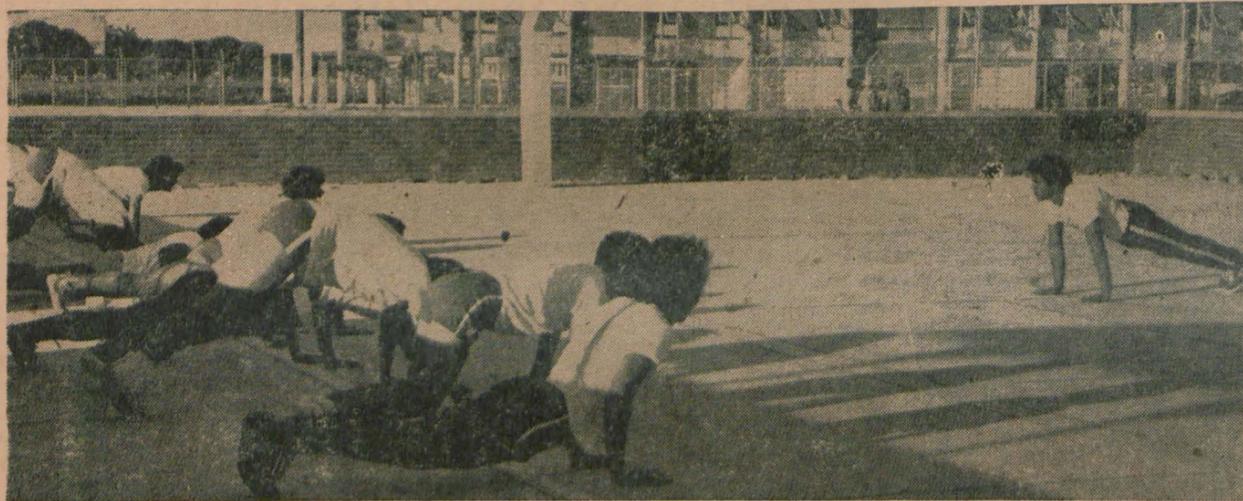
UNIFORMIZAÇÃO

A Professora Carmem Monteiro propôs, na oportunidade, a uniformização das disciplinas das Escolas de Educação Física, ficando deliberado que todos os currículos adotados até então serão encaminhados à apreciação do Diretório, que deverá se pronunciar sobre o assunto durante encontro a ser realizado em Brasília, em agosto vindouro.

Lembrou a representante da Universidade Federal de Pernambuco que, até agora, os Cursos de Educação Física continuam sendo regidos pelo Decreto-Lei 1212/39, havendo apenas como inovação o parecer 894/69, estabelecendo o currículo mínimo, que não atende, em absoluto, às necessidades de formação dos professores e especialistas de Educação Física.

Paralelamente aos dois certames, promovidos pela Associação Brasileira de Medicina Esportiva, foram realizados dois cursos práticos sobre Biotipologia, pelo prof. J. Mendez, dos Estados Unidos; e Ergometria, pelo prof. E. H. de Rose, do Brasil.

Foram realizadas palestras, em regime de tempo integral, destacando-se as apresentadas pelos professores Venerando, da Itália, que abordou o tema "Princípio e Evolução da Medicina do Esporte"; Mendez, dos Estados Unidos, sobre "Métodos Indiretos para Determinação da Composição Corporal"; Becket, da Inglaterra, que abordou "O Problema da Dopagem no Esporte".



Núcleo mede capacidade de atletas

O Núcleo de Esportes da Universidade Federal de Pernambuco está se aparelhando para realizar a seleção de atletas para competições, individuais e coletivas, avaliar a aptidão e performance de cada um, bem como escolher o tipo de desporto e prever o sucesso de cada competidor, com base nos dados laboratoriais obtidos através dos testes com esteira rolante, bicicleta ergométrica, biopsia muscular, etc.

Parte desses equipamentos já está funcionando, enquanto a direção do Núcleo, através da Pró-Reitoria Comunitária, envida esforços no sentido de conseguir a aparelhagem completa, tendo em vista o ritmo de trabalho cada vez mais intenso, com o atendimento de grande parte do corpo discente da Universidade, no que diz respeito ao cumprimento dos créditos da disciplina de Educação Física e Desportos.

ASSISTÊNCIA

O professor Jomar Ferreira, médico do Núcleo, explicou que apesar de o Serviço Médico não estar atuando em suas instalações definitivas e de não contar ainda com todo o material ambulatorial, de fisioterapia e o módulo-II de fisiologia (deverão ser adquiridos este ano), foi amplo o atendimento em 1974, naquele setor: cerca de 1.725 atendimentos relacionados com a assistência médica aos alunos do Curso Superior de Ed. Física e aos pertencentes a outros cursos, que ali comparecem para o cumprimento de créditos, nessa disciplina.

O Serviço Médico funciona nos dois expedientes, fazendo consultas, prescrições, recomendações, preparação e orientação a alunos e atletas, dispensas, atestados, exames para frequência ao Parque Aquático, curativos, socorros urgentes e participação durante as competições. Participa, toma parte nas reuniões do Colegiado do Curso de Licenciatura em Educação Física e Técnica de Desportos, além de contatos e intercâmbio com outras entidades, estaduais, nacionais e internacionais.

O professor Jomar Ferreira enfatiza o esforço da dire-

ção do Núcleo, na pessoa da professora Carmem Monteiro, a fim de dotar todos os setores da aparelhagem já focalizada (Laboratório de Fisiologia do Esforço), considerando o avanço tecnológico e científico nessa área, principalmente nos Estados Unidos, Alemanha, França, Itália, Inglaterra e Espanha. Funciona atualmente o Módulo-I daquele Laboratório, composto de bicicleta ergométrica, cicloergômetro, taquíesfigmômetro, eletrocardiógrafo, tensiômetro e espirômetro.

Diversos atletas, amadores e profissionais, de Pernambuco, já foram analisados na sua capacidade física e atlética. O Núcleo já conseguiu preparar uma equipe de monitores durante o Curso para Auxiliar de Pesquisa em Educação Física e Desportos, realizado no ano passado, no Núcleo da UFPE, a cargo de especialistas do Rio Grande do Sul. Há perspectiva de que, ainda este ano, seja montado o Módulo II de Fisiologia, conforme informações do dr. Eduardo de Rose, presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Desportiva.

APTIDÃO

Depois de analisar a atuação do Núcleo durante competições, internas e oficiais, de âmbito estadual e nacional, o professor Jomar disse que em educação física existe algo mais importante que o simples conhecimento técnico ou da capacidade na execução dos exercícios e provas: trata-se da assistência médica para o condicionamento do atleta, através de métodos modernos, como os testes de aptidão que oferecem resultados exatos, sem os riscos oferecidos pelos métodos tradicionais, além dos exames clínicos periódicos e regulam para o aperfeiçoamento e manutenção da performance; daí dizer-se atualmente que "o atleta começa no laboratório".

A equipe do Serviço Médico do Núcleo de Educação Física e Desportos da UFPE, conta com os especialistas Jomar Ferreira, Zildo da Cunha Andrade e Norma Maria Borges (enfermeira).

Serviço Médico com uma equipe de alto nível

O professor Jomar Ferreira tem amplo currículo, com diversos cursos de especialização, destacando-se os de Imunofluorescência, realizado no Instituto de Medicina Tropical, em São Paulo; de Atualização em Alergia Clínica e Imunopatologia, em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Guanabara e Recife; especialista em Alergia Clínica, após concurso realizado em Guarujá-SP, com diploma expedido pela Associação Médica Brasileira e Sociedade Brasileira de Alergia e Imunopatologia; Curso de Suficiência e Atualização em Medicina Esportiva; de Medicina do Trabalho; é membro da Diretoria da Sociedade Brasileira de Alergia e Imunopatologia; Curso de Especialização em Alergia Clínica, como bolsista do Hospital das Clínicas de São Paulo; diretor médico da FAPE; membro da Sociedade Brasileira de Medicina Esportiva; médico de várias seleções amadoras em campeonatos brasileiros, e Secretário da Sociedade Pernambucana de Medicina Esportiva.



GEVATRON: A VOZ DE ISRAEL

Dentro das comemorações do 27º aniversário de fundação do Estado de Israel, numa promoção conjunta da embaixada de Israel e do Centro Cultural Brasil-Israel, tivemos a exibição, na Faculdade de Engenharia, do grupo folclórico Gevatron, nome originário de uma aldeia israelita denominada Kibutz Geva, aldeia que existe há 52 anos, e que de pântano que era, converteu-se num verdadeiro paraíso agrícola, e numa das aldeias mais importantes de Israel. O corpo musical Gevatron conta com 25 anos de existência, e aqueles que o formam são representantes da 2.ª e da 3.ª geração. A maioria das músicas por ele apresentadas ao público tem origem no folclore da região. Outras são canções que surgiram à época da construção do novo estado de Israel.



O programa do grupo Gevatron foi preparado especialmente para o Brasil. Cada um dos participantes teve de deixar de lado seus trabalhos para essa viagem ao nosso país, apresentando-se antes no Recife. Depois vieram as capitais de vários outros Estados, como Guanabara, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Salvador e Brasília. O grupo é formado por 18 pessoas: Rina Firstenberg, a mais antiga participante, chamada a "mãe do conjunto"; Nira Raz, professora de 2.º grau; Tamar Ben Yaacov, professora de Física e Matemática; Pnina Barzak, cabeleireira; Sara Simchoni, professora de Idiomas; Rachel Na-

chshon, professora de jardim-de-infância; Yered Even Tzur, costureira; Yoav Nachhon, marido de Rachel e pastor de rebanhos; Asaf Levin, técnico em eletrônica; Gildeon Gurion, técnico em eletrônica; Dan Yadin, técnico em automóveis; Ben-Tzlon Ron, técnico em automóveis; Yaacov Ron, irmão de Ben-Tzlon, tractorista; Shimon Aloni, piscicultor; Ofer Barzak, filho de Pnina Barzak, piscicultor; Shimon Sandocovich, responsável da parte técnica do espetáculo e Zvi Caspi, maestro.

O diretor musical do Gevatron é Samuel Firstenberg, filho de Rina Firstenberg, o qual

chegou ao Brasil, pela primeira vez, há 20 anos atrás, sendo esta a terceira vez que visita nosso país. Falando fluentemente o português, ele nos disse, entre outras coisas, que o Gevatron, já fez apresentações em grandes teatros brasileiros, além de encontros em várias das nossas Universidades, ao mesmo tempo que pretende levar canções nossas para serem apresentadas em Israel. Dessa forma se expressou Samuel sobre o nosso país: "Chegamos ao Brasil porque ouvimos muito sobre esse país maravilhoso e seu rico folclore, por sinal muito parecido com

o nosso. Voltamos para nossa terra mais ligados ainda ao Brasil".

A medida que o Gevatron apresentava suas canções, eram exibidos filmes ilustrativos de episódios da guerra do Oriente Médio. Transcrevemos para os leitores o texto do espetáculo, que lançará alguma luz sobre o sentido das canções bem como sobre acontecimentos importantes dessa guerra, que Israel, consciente de sua fortaleza, transformou em música que, acima de qualquer espécie de derrotismo, canta o renascimento das searas e a glória da criação humana.

Um Kibutz viaja ao Brasil

1. Vai, vai para o deserto

2. Para onde sopra o vento

Nós não somos apenas nascidos em Israel, sabras (nome devido ao cactus que cresce nos desertos de Israel) — somos também gente de Kibutz e filhos do Kibutz — segunda e terceira gerações daqueles pioneiros idealistas, que abandonaram os guetos na Diáspora e foram para Israel criar uma vida nova, mais sadia e mais perfeita.

O nome do nosso Kibutz é Geva, e daí Gevatron, ou seja a associação das palavras: Teatron e Geva. Ou seja: O Teatro e o coro de Geva.

O que é um Kibutz? — Em poucas palavras, Kibutz é uma espécie de área agrícola, onde todos são uma família só e trabalham juntos, comem juntos e criam os filhos juntos.

E já que o Kibutz satisfaz todas as necessidades materiais e culturais de sua família — para que dinheiro?

E vem daí a canção "Não é por dinheiro um coração aberto" — não é por dinheiro nem louvores e honrarias. O coração pertence à terra, ao espírito e ao amor.

3. Não é por dinheiro

4. Que manhã de ouro

5. Canção

Não é uma visitante de camelos + filme Os pioneiros, os primeiros chalutzim que chegaram a Israel e ao kibutz eram nascidos na Rússia. Eles trouxeram consigo o coração russo aberto, a voz do baixo, as melodias suaves e tristonhas, a balalaika e o ídiche.

6. Tum balalaika

7. Um mar de espigas

Na canção anterior "Mar de espigas" cantamos a produção e a primavera, e sobre mil corações que oferecem mil flores a mil moças lindas.

E a maioria das moças e rapazes do kibutz seguem o sulco do arado dos seus países. Também eles se casam no kibutz e criam filhos e netos.

E quanto mais passa o tempo, e se distanciam dos primeiros tempos — a eles retornam com canções de recordação; (nostalgia): como vieram os eucaliptos e plantaram os primeiros eucaliptos trazidos da Austrália para ajudar na secagem dos pântanos e na eliminação da malária.

E é sobre um bosque desses eucaliptos, plantado à beira do lago Kineret, que fala a próxima canção, acompanhada por um filme autêntico, raro, sobre aqueles dias iniciais.

8. O bosque dos eucaliptos + filme

9. O que passou perdeu-se

Dissemos que se trabalha no kibutz, falamos que ali se ama, se casa e se tem filhos.

Não cantamos como se festeja. Pois bem, os feriados judaicos são festejados no kibutz como em qualquer comunidade judaica no mundo, só que no kibutz as festas ganharam um significado mais agrícola: Pessach é a festa da safra, Shavuot é a festa das primícias do campo, sucot é a festa da colheita e a comemoração antiga do Jorro das águas no Templo Sagrado (Sinchat Belt Hashoevach). E acima de tudo o shabat — o sábado — dia de descanso do operário e do camponês que, em Israel transformou-se no símbolo da paz. Não é à toa que o judeu saúda seu amigo com um "shabat shalom", com "sábado de paz", e não é por acaso que se reza a quem faz a paz nas suas alturas que faça a paz para nós e para todo Israel.

10. Faz a paz nas suas alturas

11. Tiri bum

12. Tu és um

Nós achamos que os camponeses, mais do que quaisquer outras pessoas, detestam as guerras — pois a guerra é o oposto absoluto do arado, da sementeira e da colheita.

E tantas quantas são as guerras em Israel assim aumentam as canções de esperança: de que, finalmente, cessarão as guerras, e o sonho de paz realizar-se-á, rapidamente, em nossos dias, amém.

Filho de Geva, Didi Manossi, escreveu a canção: "Quem sonhou" — que se materialize o seu sonho e possa ver o sol nascer e se pôr, e as flores vicejando nas trincheiras. E quem não teve esse privilégio — nós, os vivos, lembraremos-lo para sempre.

13. Quem sonhou

14. Meu jovem irmão lehuda + filme

O lado mais duro da guerra são as crianças — que não percebem exatamente por que têm que entrar nos abrigos e ouvir o assobio dos obuzes e a chuva de balas — e não compreendem por que o pai de Rute não está mais, e por que a mãe de Gadl chora nas noites.

Os kibutzim sentiram a guerra na própria carne, na vida do dia-a-dia. Como as palavras da canção "Emek sheli" — "Meu Emek", "Meu Vale": E um menino pequeno, na entrada de um abrigo, olha as montanhas de Gullead e não entende porque o verde vale transformou-se num vale de fogo".

15. "Meu Vale"

16. Deixem o sol brilhar

loav, o tenor do Gevatron, é um pastor, mas não toca flauta. Hoje, os pastores andam com rádios de pilha.

Em Israel, o rádio silencia só um dia no ano — é Iom Kipur.

Mas nesse dia, Iom Kipur, o último que passou, o silêncio foi rompido. Súbito ao meio-dia, o rádio informou que estourou a guerra, e nesse mesmo dia, loav foi mobilizado junto com todos os outros. Sua primeira missão era libertar uma ponte sobre o Jordão, que o Exército sírio tentou conquistar, com o fim de, por ali, penetrar no País.

Toda a guerra transcorreu nessa ponte. Tanques e soldados fluíam para a frente, feridos e mortos fluíam em sentido contrário. Passou-se cerca de uma semana até que a situação se inverteu. As forças do Exército de Defesa de Israel transferiram a guerra para o território sírio. O batalhão de loav havia terminado mais um dia de combate quando chegou ao local um grupo de artistas para divertir a tropa, como já tinha feito o Gevatron em outros lugares. O batalhão pediu a loav que cantasse. E a televisão de Israel, que estava ali, perpetuou o acontecimento.

17. Ainda voltaremos amanhã + filme

E das guerras, passamos a nossa Jerusalém. Não somente Jerusalém de Ouro, de cobre e luz — nem só Jerusalém do Muro de Lágrimas. Jerusalém como símbolo da paz — e daí o seu nome Ierushalaim — Ir Shalom, Jerusalém — cidade de paz. Jerusalém como símbolo de unificação para o povo judeu na Diáspora e em Israel. Também o kibutz, que não é religioso, murmura o seu nome com um temor sacrosanto: Ierushalaim.

18. Jerusalém

Nós, filhos de Israel e filhos do kibutz, filhos dos filhos dos pioneiros, nós sabemos o quanto é importante a ligação profunda e antiga com o povo judeu — que vê em nós o cerne dos seus sonhos e sabe que na hora amarga poderá juntar-se a nós e a Israel, que o receberá de braços abertos, e oferecer-lhe-á uma casa morna e um leito macio.

Nós e vocês oprimidos que vivem nos países da Cortina de Ferro. Nós e vocês judeus do silêncio.

Sobre vocês e nós, vamos cantar.

19. Nós e vocês + filme

(feito durante o primeiro encontro de jovens israelenses com judeus de Moscou, há vinte anos).

As canções não criam uma pátria, canções não constroem aldeias, canções também não triunfam nas guerras.

Mas sem as canções é impossível crescer uma pátria, uma aldeia e uma vitória. E é aqui a hora para cantar em vossa homenagem, uma canção que vos pertence, na vossa língua portuguesa.

20. Canção brasileira

TEXTO DA NARRAÇÃO: DIDI MANOSI
TRADUÇÃO: JOSÉ STEINBERG

Nós acreditamos porque acreditamos, e quanto mais cantarmos, mais acreditaremos que o povo de Israel vive — "Am Israel Chai".

21. O povo de Israel vive

Nós cantamos porque acreditamos, e quanto mais cantarmos, mais acreditaremos que amanhã o Exército tirará as fardas e voltará à cidade e ao campo e ao lar. E os velhos navios de guerra transportarão laranjas, como se lê no Livro dos Livros: "E transformarão suas espadas em enxadões e suas lanças em foices. E um povo contra o outro não brandirá a espada e não aprenderá mais a guerra".

BIS — Amanhã

PROGRAMA DO GEVATRON

1. Vai, vai para o deserto
2. Para onde sopra o vento
Narração
3. Não é por dinheiro
4. Que manhã de ouro
Narração
5. Canção — Shlonski
Narração
6. Tumbalalaika
7. Mar de espigas
Narração
8. O bosque dos eucaliptos
9. O que passou perdeu-se
Narração
10. Faça a paz nas suas alturas
11. Tiri bum
12. Tu és um
Narração
13. Meu irmão lehuda
Narração
14. Meu vale
15. Deixem o sol brilhar
Narração
16. Ainda voltaremos amanhã
17. Jerusalém
Narração
18. Nós e vocês
Narração
19. Canção brasileira
20. O povo de Israel vive

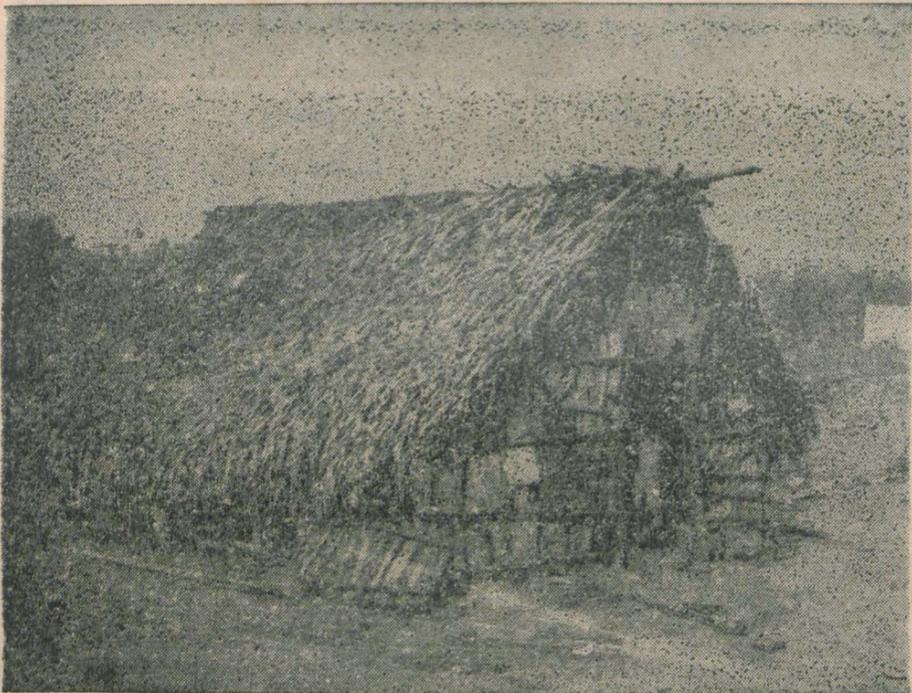
Bis — Amanhã

Filmes que acompanham

1. Não é por dinheiro — Trabalho — Época dos primeiros — O trabalho do Gevatron em Geva.
 2. Como fundo à narração — Apresentação do Gevatron e o Emek, o poeta nacional Avraham Shlonski no Emek, antes da canção "Canção".
 3. O bosque de Eucaliptos — Saga dos primeiros.
 4. Meu irmão lehuda — Filme sobre a guerra de Outubro.
 5. "Ainda voltaremos amanhã" — loav nas colinas de Golan.
 6. "Nós e vocês" — Encontro no Festival de Moscou.
- Sombras Kibutz no fundo.

Estudo do meio-ambiente pela fotografia

Numa promoção dos Diretórios Acadêmicos de Engenharia, Arquitetura, Artes, Instituto de Geociências e Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, a I Mostra Universitária de Fotografia, que será realizada a partir do dia 4 de junho, terá como tema básico "O Homem e Seu Ambiente", e como objetivo essencial mostrar aspectos da sociedade tecnológica comprometidos com problemas de poluição, de desflorestamento, do crescimento vertical das cidades modernas, em detrimento da comodidade e da saúde das populações cada vez mais comprimidas em círculos fechados, e da separação, cada vez maior, do homem em relação à natureza.



2 FOTOS DE RICARDO MAGNO

A I Mostra Universitária de Fotografia pretende, dessa forma, ser um documentário das anomalias verificadas nos grandes centros urbanos e, ao mesmo tempo, uma sugestão para um melhor aperfeiçoamento dos espaços vitais e para uma melhor planificação urbanística.

ESTUDANTE FALA SOBRE O HOMEM E O SEU AMBIENTE.

O estudante Ricardo Magno Figueiredo, 3.º ano de engenharia mecânica, declara que a "I Mostra Universitária de Fotografias" surgiu com o Diretório

Acadêmico de Engenharia e se estendeu aos outros Diretórios, demonstrando existir a possibilidade de uma comissão fotográfica no meio universitário. Para isso, a I MUF tem como um dos seus objetivos divulgar trabalhos de colegas da Universidade, incentivando-os ao gosto pela fotografia. "Já que **photo** significa luz e **Graphen** escrever, pela própria definição da palavra fotografia, é indiscutível a sua potencialidade como veículo de comunicação visual e abertura de portas para o horizonte da criação artística, pois somente a

fotografia é capaz de retratar fielmente o que os olhos vêem e sentem. E para que uma fotografia retrate situações concretas e abstratas é preciso mesclar técnica e arte e vice-versa. Daí a grande importância da fotografia como um instrumento, aparentemente comercial, como meio de unificar dois pelos extremos — a exatidão da técnica e a flexibilidade dos sentimentos. Ou seja, aquele que optou em dedicar sua vida fazendo técnica terá oportunidade de descobrir que, além da técnica, existe um caminho que o leva até à natureza. Por

isso surgiu o tema para a I MUF — O HOMEM E SEU AMBIENTE". E, por outro lado, aquele que optou por cursos de artes, letras ou ciências sociais, terá oportunidade de revelar e transbordar a sua mais profunda decepção com aquilo que o homem constrói destruindo o seu próprio meio ambiente. Poderá transmitir a sua sensibilidade de como a natureza chega até ele, de como ela foi e está sendo forçada a se transformar pelo próprio homem, que não percebe, muitas vezes, que a terra poderia ser o planeta padrão do universo.

Excepcionais terão atendimento na Faculdade de Odontologia

A Faculdade de Odontologia da UFPE vai oferecer atendimento a pacientes excepcionais, através do Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva, sob a chefia do professor José Barbosa de Oliveira Filho.

Para tanto, está preparando equipes de alunos da última série, a fim de, paralelamente à assistência, possa o atendimento resultar em treinamento prático para os futuros profissionais da odontologia.

Inicialmente — explica o prof. José Barbosa — o atendimento será feito através dos processos convencionais, havendo a perspectiva de emprego de técnicas mais recentes, como a aplicação da anestesia geral.

SOLICITAÇÃO

Tendo em vista a possibilidade de adoção da anestesia geral, no atendimento aos excepcionais, o prof. José Barbosa solicitou oficialmente ao reitor Marcionilo de Barros Lins seja colocado um anestesista, pelo menos uma vez por semana, à disposição daquele Departamento, não só para atender esses casos, como também

para dar assistência a outros atendimentos cirúrgicos.

O prof. José Barbosa justifica a solicitação sublinhando as vantagens em termos de aprendizado dessa nova técnica médico-odontológica, que vem sendo empregada atualmente em vários países europeus, especialmente na Inglaterra.

As vantagens da aplicação da anestesia geral em odontologia — esclarece o prof. José Barbosa — consistem em oferecer ao paciente um estado psicológico onde ele além de não sentir dores, colabora com o cirurgião, quando este lhe solicita movimentos mandibulares — abrir e fechar a boca — de modo a facilitar o trabalho operatório. Mesmo anestesiado, o paciente não perde a consciência, mas apenas a sensibilidade, podendo retornar à vida normal, após um repouso de 30 minutos.

Já foram realizadas várias demonstrações do processo de anestesia geral, com os alunos do curso de pós-graduação da Faculdade de Odontologia, sob a orientação do Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva.

Quartanistas de Medicina: nas horas vagas fazemos batucada

Quando um grupo de pessoas se reúne cotidianamente, em qualquer setor de atividade, seja no trabalho, na vida escolar ou desportiva, geralmente surge uma motivação que serve de elo entre elas. Na Faculdade de Medicina da UFPE, por exemplo, os quartanistas comemoram os bons acontecimentos, principalmente após uma boa prova, com uma batucada em um recanto da cidade.

Tudo começou em um barzinho, na Cidade Universitária. Depois das obrigações escolares, principalmente de uma prova, os quartanistas se reuniam para um "papo" e, não fugindo à regra, improvisavam batucadas, utilizando caixas de fósforo, tamboretas e mesas. Surgiu, então, a idéia de formarem uma batucada

organizada e bolaram os meios de aquisição dos instrumentos.

Foi quando surgiu um deputado conhecido dos alunos oferecendo mil cruzeiros como contribuição pessoal para a aquisição dos instrumentos. Mais uma "vaquinha", e eis que, nada menos de dez instrumentos foram comprados: triângulo, afoxê, cavaquinho, surdinho, tamborim, surdão, pandeiro, reco-reco, violão e maracá. A "batucada universitária" já tem fama nos bares onde os acadêmicos costumemente se encontram.

Os batuqueiros: Fernando — triângulo; Joaquim — afoxê; Salvane — Cavaquinho; Edvandro — surdinho; Gerlúzio — tamborim; Jorge — surdão; João Tarcísio —

pandeiro; Maurílio — reco-reco; Solon — violão; e João Batista — maracá.

Gerlúzio, um dos principais entusiastas na formação da "batucada universitária", revela que falta apenas um instrumento para completar o batuque — a cuica — mas já estão se cotizando nesse sentido. Explica que algumas colegas de turma estão interessadas em aprender a tocar alguns instrumentos, a fim de tornar mista a equipe de batuqueiros, o que significará uma atração a mais. Mesmo assim, para onde eles vão as "meninas" os acompanham, principalmente quando se trata de uma comemoração de aniversário e outros acontecimentos sociais.



"O Caçador e a Onça", trabalho de Vitalino

Clarificação

JACI BEZERRA

O vinho o pão o azeite
coisas puras, declaro,
abrasada às azeite
a mão do ser avaro
corada rosa oscuro
orando crepusculo

Alvo lírio, ser claro,
claros o rio e o peixe
isco peixe não aro
o vinho o pão o azeite
corpo corpóreo coro
árida rosa oro

A hóstia acesa anulo
entre o pão e o peixe
ouro oro crepusculo
aberto à flor do azeite
no cálice sem cor
rôo, abrasado, o amor

Rorante ourado peixe
a vinho roxo coro
entorno aquoso leite
entre cruz e adro oro
peixe iscado rorejo
ó, dia, aquírio aceso

Branco delírios claros
o pão o vinho o azeite
a água do rio a varo
iscando ourado peixe
o dia o sol inflama
peixe, aceso, as escamas

Sinto no peixe o odor
do mar, ó dor do peixe,
artista não ator
doado a água não deixe
a mão a vara o anzol
rio abrasado o sol

Casa de Mulheres

RAIMUNDO CARRERO

Chegou ao anoitecer. Tinha o corpo cansado, suado, os olhos traziam ainda o fim da tarde. Estancado no terreiro, percebeu que o apego pela casa era bem maior do que imaginara. Na estrada, e nem passara bem a loucura, sentira o inusitado desejo de chegar, imediato. Uma enorme tristeza espriava-se pelo sangue. Uma agonia leve.

Empurrando a porta, fechou os olhos para se acostumar à escuridão. Passara horas vencendo a estrada, enfrentando o sol. A vontade que teve, primeiramente, foi a de enfrentar o espelho. Entretanto, sentiu necessidade de antes ganhar o quarto, deitar-se na cama, velha cama de panos sujos. O teto diante dos olhos, uma quase nuvem aumentando a dormência do corpo. Posso lhe perdoar Esterzinha. Volto, qualquer dia para lhe perdoar. Passou a mão no rosto. Sentiu as lágrimas.

Pelo demanhãzinha saíra para a feira. O mundo desprovido de sol, a frieza exigindo o capote nos ombros. Assoviara para afastar o silêncio — um enorme e doo silêncio. A viagem lenta, arrastada, sem pressa. O mundo escondido na névoa, o verde acinzentado.

Foi já na chegada a Santo Antônio do Salgueiro que decidiu: a primeira visita seria à Casa das Mulheres. Seguiu no prumo exato. Encontrou-as na alta animação.

— Senta aqui, Daniel — O pedido feito por Raquel.

Atendeu. Jogou o capote sobre uma cadeira de couro. Esterzinha segurou suas mãos grossas, calçadas, beijou-as. O arrepiou correu pela espinha, um nó fechou a garganta. Riam soltas. Eguas livres no pasto.

Esterzinha, grande laço de fita vermelha nos cabelos, fitando-o para indagar:

— Gosta dos cabelos brancos?
— Não sei. Nunca pensei nisso.
— Pode parecer bonito, viu, muito bonito, até. Mas por que não os pinta de preto?
— Para que?
— Para pintar. Fica mais moço.

Inventou um sorriso. Mesmo não lhe parecia justo um homem de sessenta anos, curtido de sol, apagar-se de cabelos negros. Bebeu o que lhe ofereceram. Não entendeu a gritaria, o alvoroço. Foi Guiomar, a gorda dona da Casa, quem se aproximou, embriagada.

— É melhor. De preto, seu cabelo fica melhor.
— Por quê?

Raquel desapareceu no corredor. As mulheres sorrindo, os homens dobrando as gargalhadas. Daniel sentiu-se menino, calças curtas, enlouquecido, correndo pelas campinas, pelos descampados. Depois, escondido atrás de uma árvore, olhando moças nuas tomando banho nos rios, os olhos vivos, intensamente negros, espichados. O sorriso, agora, inventado, escancarando os lábios.

Retornando, o que Raquel trouxe nas mãos foi uma pequena bacia com água, uma toalha branca, um pente grande, uma porção de tinta preta num papel. Esterzinha levantou-se animada. Apressada, prendeu a toalha no pescoço de Daniel. As mulheres todas em sua volta, Guiomar e Raquel comandando.

— Que necessidade tem? — Perguntou.

Ninguém ouviu. Raquel segurou a bacia com água e tinta. Guiomar iniciou o trabalho. Mas quem encheu os olhos de tristeza, parada entre as gargalhadas dos homens, foi Esterzinha. Você será capaz de me perdoar, Daniel? É possível que, um dia, você me perdoe? Sentiu os olhos de Daniel incomodando os seus.

Daniel nem parecia sentir a água fria descendo pelo pescoço, apesar da proteção da toalha. As mulheres mexiam muito em sua cabeça. Puxavam os cabelos. Cantarolavam. É apenas uma brincadeira, Daniel.

— O que é que este menino está fazendo aqui? Sai daqui menino!

Sófrago, procurou com os olhos encontrar algum menino. Somente agora — Guiomar, imensamente gorda, olhava-o de certa distância — percebeu que falavam com ele. Sorriu — um sorriso triste. Raquel, terminado o serviço, penteava os seus cabelos já negros, Guiomar, subindo num tamborete, começou a imitar o choro de um recém-nascido. Uma mulher conseguiu uma mamadeira, colocou-a em sua boca. Esterzinha, a coragem subindo pelo corpo, enrolou a toalha em sua cintura, a modo de fralda. Sozinho no meio da sala — todos se afastaram para olhá-lo de longe — começou a imitar um menino, engatinhando pelo chão. Entregaram-lhe uma garrafa. Enfiou a mamadeira no gargalo.

Engatinhava, choramingava, bebia. Suando, a tinta preta começou a escorrer pelo rosto, sujando o colarinho alvo da camisa. Desejava, no entanto, parar diante de um espelho. Na falta disso, pretendia adivinhar-se. Já bastante cansado, Esterzinha levantou-o pelos ombros, levou-o para a mesa. Homens e mulheres gargalhando. Escancarou o sorriso mais besta.

Somente ele, a camisa já quase toda molhada de preto, empapada de suor, ficou sentado na mesa. Reagindo ao próprio desejo de ficar — aproveitou a distração —, caminhou para a porta, cambaleando. Ouviu risadas. Montou no cavalo.

Já na rua, os meninos o olharam estranhamente. Daniel, uma trunfa preta no meio da cabeça, o rosto pintado, controlava-se para não cair do animal. Vieram as pedras, os gritos, a algazarra. Olhou agoniadamente para os meninos, os olhos cheios de lágrimas. Eles pararam: mas tinham sorrisos zombeteiros nos lábios. Alguns mesmo controlando-se para não gargalhar. Um aproximou-se lento, puxou seu pé. Outro, mais lento, segurou o rabo do cavalo. Os lábios de Daniel tremiam, o nó na garganta impedia a explosão do choro. Um menino, colocando-se na frente do cavalo, fazia caretas, dava saltos.

Conseguiu chegar à estrada. Somente quando avançou na mata, ficou mais tranquilo. Sentiu um desejo imenso de chegar em casa. Um desejo enorme como se mil cavalos cavalgassem dentro do seu corpo.

Arte & Tempo

Poeta imaginativo, à maneira de Góngora, e como Góngora fazendo das imagens o suporte de sua poesia, Jaci Bezerra, sem poder domar a mesma insatisfação do mestre de Córdoba, faz da linguagem um verdadeiro campo de luta por formas cada vez mais elaboradas e caprichosas de expressão poética. Seu domínio é, por consequência, o da manipulação técnica da palavra, aliada aos seus aspectos encantatórios: o que faz, ao mesmo tempo, com que a poesia de Jaci Bezerra seja uma junção muito feliz do artifice e do possesso que há nele, evitando, além disso, que ele descaiba para uma expressão mais cerebral e menos lírica. Também o conceitual não se encontra ausente de sua poética: é mesmo o elemento o que lhe permite expressar uma visão mais lírica, do que dramática do mundo. Tal visão, por outro lado, não se mostra condicionadora de sua poesia; ela parece antes emergir do seu próprio encontro com as palavras, ao contrário de outros poetas para os quais uma visão é algo anterior à sua expressão poética enquanto tal. Para Jaci Bezerra não é o Verbo que deve vir no princípio, mas a palavra estritamente lírica que, em seu combate com as outras, na arena da linguagem, poderá gerar o Verbo para os homens. Entretanto Jaci Bezerra não nos lembra somente Góngora, em sua angústia pela renovação, ao mesmo tempo, da palavra e das imagens: lembra também os seus colegas brasileiros Jorge de Lima e João Cabral. Ele se parece com o primeiro na utilização das mais diversas formas de metro e de estruturas poéticas versificadas — que vão do verso de sete sílabas até à complicadíssima sextina medieval, — e se parece com o segundo na repetição, quase monótona, (não fosse a variação das imagens e das situações da palavra no texto) dos mesmos vocábulos. Jaci Bezerra usa quase sempre o mesmo número deles, parecendo seguir ao pé da letra o conselho de João Cabral, nesta estrofe: "Falo somente com o que falo:/com as mesmas vinte palavras/ girando ao redor do sol/que as limpa do que não é faca".

Não conheço nenhuma obra de vanguarda poética, em nosso país, dentro dos pressupostos que normalmente vêm sendo enfatizados, sobretudo em termos de revolução sintática, que se possa comparar, nem de perto, com o seu livro mais recente, "Lavradoiro". Nesta obra, Jaci Bezerra, ao se utilizar ao seu modo, de recursos visualizadores das correntes vanguardistas de pós-45, no Brasil, não somente os supera, porém apresenta, pela primeira vez, uma definição, no âmbito da poesia, e não apenas, como até agora, no limitado âmbito de movimento, — do que deverá ser ou do que é uma obra poética de vanguarda.

O que Heidegger postula em relação à filosofia, demonstrando que ela enquanto sistema terminou os seus dias historicamente — porque qualquer sistema filosófico, que viesse depois dos já conhecidos, não passaria de hoje o chamado à questão mesma, isto é, a volta ao ser mesmo e não mais ao ser enquanto ente ou enquanto ser para o conhecimento —, pode servir justamente de base para a compreensão histórica de todos os outros sistemas e, inclusive, do sistema poético. Já que a tradição poética ocidental, que foi de Homero a Dante — dentro da qual cada poeta poderia retomar o tema de outro, às vezes com a distância de séculos, para que não se quebrasse a continuidade dessa mesma tradição, — encontra-se desfeita historicamente, parece não restar ao poeta de hoje senão duas alternativas: a de se encaminhar sob o signo da dilaceração própria das vanguardas do nosso tempo, e confinar-se em suas fronteiras teóricas, e não fazer mais nada depois disso, ou a de, na impossibilidade histórica de retomar o fio de uma vigorosa, mas já morta tradição, construir cada poeta o seu sistema próprio independentemente de filiações a grupos ou a essas gerações que se revezam num espaço nada menos do que de dez a dez anos. Já que os grandes sistemas poéticos findaram, ou se cumpriram, ou foram atingidos, para aplicarmos na compreensão desse fato o método heideggeriano, só nos resta uma linha de aprofundamento: a de traçar cada poeta o seu caminho pessoal, muitas vezes usando um só tipo de estrutura ou de metro, como faz Jaci Bezerra no "Lavradoiro", ou prolongando esse mesmo caminho, através de direções diferentes, porém sem fugir de sua meta inicial, que é a de

ÂNGELO MONTEIRO

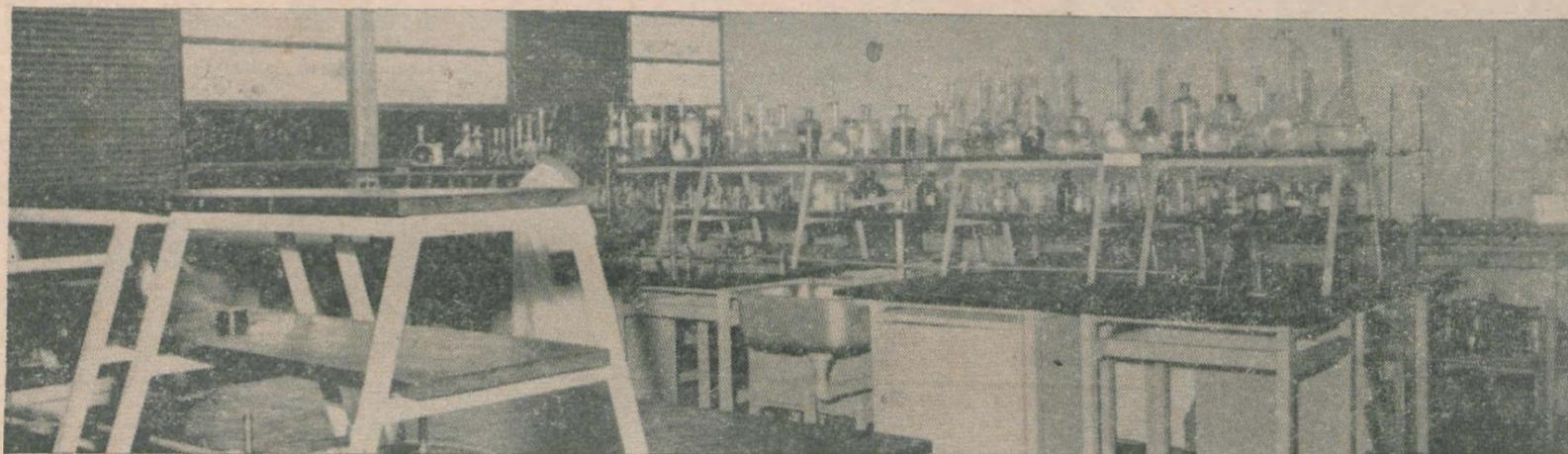
resolver, como poeta, o seu próprio enigma, mediante a ênfase de suas linhas ou temas poéticos predominantes. Com a morte dos grandes sistemas, e a impossibilidade histórica de refazê-los, cada expressão poética, deve, sobre os seus próprios limites, adotar uma espécie de circuito fechado, abrindo-se apenas para aqueles aspectos que venham melhor contribuir para ressaltar certas linhas específicas na compreensão do fenômeno poético: em lugar dos grandes sistemas, a adoção de sistemas menores ou de poéticas particulares que assumam, ao lado da tradição, o que houver de mais permanente na modernidade.

Quanto à situação de Jaci Bezerra em relação às vanguardas de seu tempo, bem como sobre a análise dos materiais literários do texto do "Lavradoiro", ninguém pode deixar de conhecer o prefácio de Alberto Cunha Melo, que além de ser o estudo mais decisivo escrito sobre um poeta da nossa geração, constitui uma revelação de prosador à altura dos seus melhores momentos de poesia. E já que a perfeição literária do método adotado por Jaci Bezerra, nesse livro, foi sabiamente demonstrada por Alberto Cunha Melo, a mim só resta uma reflexão de ordem estética; e, sob este aspecto, estarei apto a compreender Jaci Bezerra, do ponto de vista mesmo do seu método, que consistiu no erigir, racionalmente, o seu pequeno sistema como condição para **concentrar e intensificar** os elementos líricos inseparáveis de sua poética. Isso não quer significar, por outro lado, que qualquer poeta esteja capacitado para construir um sistema menor, porque um tal sistema, que teve sua origem em Baudelaire, exige, para que mereça crédito, dois requisitos indispensáveis: a **concentração** e a **intensificação** dos próprios limites que o fundamentam.

Jaci Bezerra atinge, por exemplo, o maior momento do seu sistema na sextina, que é a forma poética mais difícil que nos foi legada pelo Ocidente, depois do terceto encadeado de Dante. Nas dez sextinas, com efeito, Jaci Bezerra atinge o momento mais radical do seu processo. Registro esse fato somente para dizer que, se eu me colocasse de um ponto de vista das minhas próprias concepções de poesia, não seriam as sextinas que eu citaria em primeiro lugar, e sim poemas mais próximos do meu gosto, como "Clarificação" e "Crucificação" onde Jaci Bezerra, pela transparência conseguida na linguagem, chega a tocar na própria essência do fenômeno poético, como nestes versos do primeiro: "Branco delírios claros/o pão o vinho o azeite/a água do rio a varo/iscando ourado peixe/ o dia o sol inflama/peixe, aceso, as escamas" — e estes outros do segundo: "Também dissolveria/o casto amor chagado/não me fosse maria/dos bens o mais amado/ramo de azul de névoa/doente dentro da água". "Velório Amigo" é outro poema extraordinário pela delicadeza com que o sentimento foi filtrado pela forma. No entanto, foi, através da sextina, que Jaci Bezerra conseguiu nos propor, inclusive uma definição de sua poética: "Pedra, peixeira oculta,/gume de faca espessa,/brote a manhã na fruta/e nunca morra, cresce,/ como entre a flor e a faca/a pedra rubra e exata".

De "Romances", seu primeiro livro, entre os publicados, onde Jaci Bezerra parecia confinado dentro do âmbito do regionalismo, há uma estrofe que parece se referir, não apenas ao Capibaribe, mas ao próprio destino do poeta: "Então o mar que o hospeda/desde o sol de sua infância/também saudará a gente/com ondas calmas e mansas". Pois o poeta Jaci Bezerra, em sua marcha para o mar, tanto nos impressiona pela torrencialidade criadora, expressa, entre outros casos, na trabalhada urdidura de seus versos de "Lavradoiro", como pela propriedade de registrar momentos de extrema leveza poética, de que podem servir de exemplo não somente alguns dos poemas constantes do "Quintuplo" (publicados ao lado de outros quatro poetas sob o título de "A Onda Construída"), e que são construídos segundo o procedimento clássico do século de ouro espanhol, numa alternância de decassílabos e hexassílabos, mas os dez poemas finais de "Lavradoiro", reunidos sob o título de "Fábulario", que só adotam em relação ao resto do livro duas semelhanças: a de obedecerem seus versos ao ritmo hexassílabo e a de adotarem a mesma recorrência vocabular. E eu não disse ainda senão um pouco do enorme valor deste poeta.

ANTIBIÓTICOS PESQUISA FERMENTADOS

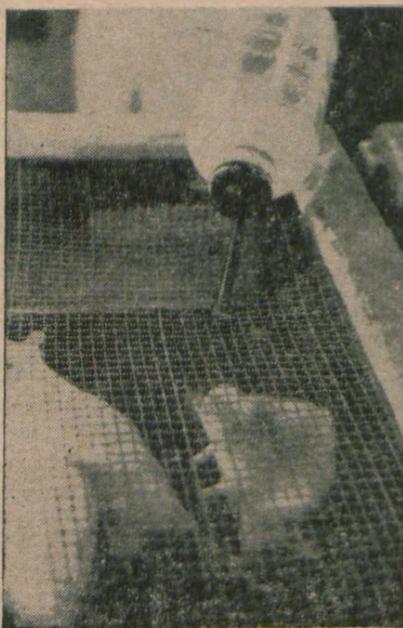


“Oswaldo Gonçalves de Lima, químico industrial pela Escola de Engenharia (1928), catedrático de Microbiologia Industrial na Universidade Federal de Pernambuco desde 1933, desenvolve intensa atividade de pesquisa sobre princípios ativos de plantas, como, por exemplo, a nigerina, a vincerina, a biflorina, a selovicina e a cordoína. A série de trabalhos sobre substâncias antibióticas isoladas de plantas superiores aparece na Revista editada pelo Instituto e confirma a reputação de seu diretor”.

“No biênio 1950/1951, em missão oficial do Governo na Colômbia e no México, se dedicou ao estudo, nesses países, de substâncias antimicrobianas. Desse estágio resultou o seu precioso livro sobre “El Maguey y el Pulque”, publicado em 1956, hoje obra clássica sobre a conhecida bebida inebriante precolombiana”.

Estas são palavras do eminente farmacólogo José Ribeiro do Vale, num histórico sobre **Os Cem Últimos anos de Farmacologia no Brasil**, publicado em **O Estado de São Paulo**, a 22 de fevereiro do corrente ano. O que o Prof. Ribeiro do Vale não pôde acrescentar foi que esse clássico está sendo reeditado no México, o mesmo texto original com algumas ampliações de assuntos correlatos.

Entretanto a conversa que mantivemos com o Prof. Oswaldo Gonçalves de Lima não foi sobre sucessos passados, mas sobre o resultado de seus mais recentes estudos, que constituem grosso volume, já em fase de impressão e será editado na Imprensa Universitária, com o incondicional apoio do Reitor Marcionilo Lins, que como cientista que é, logo compreendeu o imenso valor do estudo comparado das bebidas e dos alimentos fermentados primitivos.



PULQUE, BALCHÊ E PAJAUARU

Pulque, Balchê e Pajauaru, na Etnobiologia das Bebidas e dos Alimentos Fermentados, é o título do livro do Prof. Oswaldo Gonçalves de Lima. “É um tema etnobiológico vinculado ao campo das atividades microbianas relacionadas ao comportamento do homem primordial, frente aos produtos das transformações enzimáticas de certos substratos naturais utilizados em sua dieta. Como exemplo bem definido, se apresenta o pulque mexicano, cuja história indígena, baseada em documentação autêntica pré e pós-hispânica, configurou nosso livro anterior: “El Maguey Y El Pulque en los Codices Mexicanos” — frisou o Prof. Gonçalves de Lima. E continuou: “Aí podemos esclarecer interrelações em povos de uma vasta área geográfica mexicana de influência náhua, até o domínio maia da península de Yucatan e no atual território guatemalteco”.

A AGAVE

“Pelos documentos compulsados, foi-nos possível demonstrar a importância de espécies do gênero **Agave** e a peculiar microbiótica do pulque, podendo definir-se como um fato etnomicrobiológico capaz de acrescentar um novo interesse no estudo das bebidas indígenas como elementos de cultura.

Realmente, — prosseguiu o Prof. Gonçalves de Lima, — certas bebidas e alimentos fermentados tradicionais, de povos conservadores de seus hábitos dietéticos, — em numerosos exemplos oferecidos por habitantes de uma ampla faixa que se estende desde o Cáucaso até o Extremo Oriente, sem falar no Continente Africano e nas Américas, — apresentam tais distinções na flora

microbiana fundamental que se pode considerar um campo de importância básica, o estudo do papel desempenhado por certos fungos e suas interrelações com as bactérias presentes em populações ecologicamente equilibradas.

Em 1892 Calmette observou com as mucoráceas no fermentado chinês **tsiu-djin** o que foi também verificado com certas espergiláceas no sakê japonês, ou com a **Neurospora crassa** no **ontioms** javanês, além de outros exemplos em bebidas de papas amiláceas e derivados lácteos de tanta importância para vários povos.

IMPORTÂNCIA DAS TÉCNICAS DE ELABORAÇÃO DOS FERMENTADOS

As diferentes técnicas de elaboração dos fermentados primitivos apresentam ao pesquisador um campo adequado à caracterização de certos grupos étnicos, pois oferecem elementos peculiares a diferentes estágios da evolução da tecnologia rudimentar, configurando quadros culturais correspondentes às diversas fases de preparo do mosto final, desde a mais primitiva utilização das seivas vegetais sumosas como líquidos dessedentadores, prática ainda vigente entre os nômades das florestas e das regiões áridas, — até os vinhos de sumo de frutas silvestres obtidos por mera atuação de leveduras ocorrentes na natureza e as cervejas mais primitivas, em que a sacarificação do amilo se realiza pela técnica da insalivação e esputo.

AS CERVEJAS

O cientista Oswaldo Gonçalves de Lima nos falou ainda em degraus culturais mais avançados, onde aparecem as cervejas maltadas, de remotíssima origem, aliás, entre os povos que constituíram as grandes civilizações da zona mesopotâmica, como os egípcios, os babilônios e os sumerianos.

Deste grupo de cervejas, distinguem-se as de tipo **tsiu-djin**, originárias do este asiático continental, no preparo das quais se utiliza um complexo processo de cultivação de mucoráceas sobre grãos de arroz cozido, dando origem a uma fragmentação enzimática de amilo, até glúcides fermentescíveis.

A AGUARDENTE DOS BEIJUS, DO MARANHÃO

“Esta técnica — salientou o Prof. Oswaldo Gonçalves de Lima — que parece circunscrita ao leste e sudeste asiáticos, conforme trabalhos de



O cientista Oswaldo Gonçalves de Lima

Calmette e outros, foi por nós encontrada em 1937, no preparo do “aguardente dos beijos” a tiquira do Maranhão e de grande parte da região amazônica, dando motivo à busca de informes sobre o grupo indígena ligado à origem remota desse fermentado de mandioca, pela técnica de sacarificação fúngica, constituindo-se durante vários anos em um trabalho que evoluiu para a presente obra, em que se destacam três importantes bebidas indígenas das Américas: o pulque, o balchê e o pajauaru, este último a réplica do **tsiu-djin** dos chineses”.

PARTE DE CERIMÔNIAS RELIGIOSAS

O livro do Prof. Gonçalves de Lima que, como salientamos no início, o atual reitorado tem orgulho em editar, pela sua importância científica, possui também um caráter sócio-histórico. Salienta o mestre que os vários fermentados primitivos fazem parte de cerimônias religiosas, correspondendo a elementos sacrificiais; neste caso estão o pulque e o balchê, — este apresentando agora novas perspectivas de elucidação de seus textos glíficos, graças aos brilhantes trabalhos de J. Eric S. Thompson, conectados a um panteão de rico enredo mitológico e elementos esotéricos de complexas relações cosmológicas.